# DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO CAMINHO DE GRAÇA

**Leitura bíblica-teológica-pastoral para o diálogo
entre judaísmo e islamismo numa perspectiva de paz**

**Eliesio Freire Soares**

**Tese**
**em cumprimento parcial dos requisitos para
optar ao grau de Licenciatura em Ciências Teológicas
Professor guia: Dr. Roy May**

**UNIVERSIDADE BÍBLICA LATINOAMERICANA
São José, Costa Rica
22 de Agosto de 2006**

# DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO CAMINHO DE GRAÇA

## Tese

Submetida em 22 de agosto de 2006 ao corpo docente da
Universidade Bíblica Latinoamericana em
cumprimento parcial aos requisitos para optar ao
grau de licenciatura em Ciências Teológicas por:

Eliesio Freire Soares

Tribunal integrado por:

______________________________

**Dr. Roy May – Professor Guía**

______________________________

**Dr. Jaime Prieto – Dictaminador**

______________________________

**Mgr. Sara Baltodano – Leitora**

______________________________

**Mgr. Mireya Baltodano - Decana**

# SUMÁRIO

## Agradecimento

*A Kirstin, Ayisha e Kiana (esposa e filhas) por me apoiar e acompanharem deste o princípio até o fim dos estudos.*
*A Estácio e Lindalva (pai e mãe), irmãs e irmãos que estando perto ou a distância me incentivam e encorajam.*

*A Dom Bernardinho Marchió por continuar a caminhar comigo no aprofundamento da fé e mundo teológico.*
*Ao Comité Central Menonita que me possibilitou o suporte necessário para que se concretizasse este trabalho.*
*A Universidade Bíblica Latinoamericana por a acolhida, convivência, partilha e atenção de seus profesores e professoras, funcionários e funcionárias, alunos e alunas.*

*Por fim agradeço a Deus por me chama á vida e haver encontrado no caminho da fé e esperança estes irmãos e irmãs que na solidariedade comungam do sonho de shalon para o planeta vivendo a maravilha da unidade na diversida na busca da mais perfeita harmonia da criação.*

# INTRODUÇÃO

O trabalho que desenvolvo aqui parte do desejo de ver a graça de Deus brilhar no meio da humanidade pelo testemunho, sobretudo quem professam sua fé no Deus Criador, fonte de toda vida e liberdade. Este Criador que nos convida a recriarmos continuamente a sua obra gratuita de amor e graça. Isso revela uma comunicação de cuidado e fidelidade com o ser humano que é a sua imagem e semelhança. Assim tendo presente a dignidade da pessoa humana nos cabe a missão de promovê-la e defendê-la onde é negado o seu valor. Portanto, julgo necessário e irremediável o testemunho pessoal dos fiéis e de suas respectivas comunidades de fé, religiões, no *"Diálogo Inter-religioso Caminho de Graça"* no mundo e para o mundo. O diálogo entre as religiões é um caminho de solidariedade e compromisso com a vida do mundo marcado pelos sinais de morte e desfigurado pelas guerras, fome, miséria e degradação do meio ambiente.

Tenho presente que o diálogo inter-religioso "é necessário, imperativo e o principal desafio a que têm de responder as religiões se não querem aniquilar-se, ignorar-se, pior ainda, destruir-se umas as outras"[1]. Neste mundo tão diverso das religiões vou me limitar a trabalhar com apenas duas: o Judaísmo e o Islamismo. Embora vivam no presente um conflito, não me limitarei a realidade presente. Pois, em Jerusalém existia um costume antigo onde os judeus e muçulmanos nascidos no mesmo bairro e na mesma semana eram tratados pelas famílias como irmãos de leite: o judeu era amamentado pela mãe muçulmana e o muçulmano pela mãe judía.[2] O diálogo e convivência atual é complexo e representa um grande desafio, pois mais do que religiosa, também há uma questão política muito delicada. Primeiro porque há uma relação entre religião e política em Israel e Palestina. A segunda questão é de cunho político local e internacional. A disputa de terra entre Israel e Palestina enquanto local. A nível internacional Israel é apoiado e sendo tido como "representante" dos Estados Unidos no

Oriente Médio. Então as ações militares realizadas pelos Estados Unidos na Guerra do Golfo, Invasão do Iraque e do Afeganistão provocam os países muçulmanos, e sobretudo grupos islâmicos fundamentalistas, a reagirem de formas extremas. Terei presente o aspecto político como questão de fundo, mas não o desenvolverei nesta reflexão.

Frente a está realidade incontestável, desafiadora, que quase nos impede de pensar saídas, ouso em refletir a partir de teólogos judeus, teólogos e teólogas muçulmanos e cristãos a possibilidade do diálogo como caminho para convivência entre judeus e muçulmanos. Entre estes temos Karen Armstrong, Xabier Pikaza, Abraham Heschel, Ahmad Kuftaro, Hans Küng que postula: "Não haverá paz entre as nações si não houve paz entre as religiões; nem haverá paz entre as religiões sem diálogo."[3] Acredito que a atitude de postular uma convivência entre judeus e muçulmanos em Palestina é sinal de graça e ousadia pois transcende a dura realidade com criatividade e sonho.

O desenvolvimento do tema *"Diálogo Inter-religioso Caminho de Graça*" é apresentado em três capítulos: Relação histórica entre o judaísmo e islamismo; Diálogo de Deus com a humanidade: a criação é graça; e Diálogo caminho de paz e manifestação da graça ao mundo. Neste esquema o diálogo que proponho se dar em três etapas: o intercâmbio na história de palavra e escuta, e no compartilhar da vida e o valor da diversidade; a segunda etapa apresento mais os aspectos bíblicos-teológicos como os atributos de Deus nas duas religiões e por fim apresento o aspecto pastoral como compromisso e responsabilidade.[4]

O primeiro capítulo apresento o aspecto histórico como o seguintes pontos: a história de Abraão, Pai na Fé seguido da história do judaísmo e islamismo e sua convivência na história. Deste modo recordo a origem comum, o início e a convivência pacífica das duas religiões na história. Tenho como objetivo: mostrar que o conflito atual não tem razão religiosa e para superar preconceitos em relação aos judeus e sobretudo os muçulmanos. Espero que o resgate da história e os aspectos que há em comum nas duas religiões possa despertar entre os fiéis o espírito de família e povo de Deus.

No segundo capítulo aprofundo a relação dialogal entre o judaísmo e islamismo entrando no aspecto bíblico-teológico que julgo importante para maturação do diálogo. Trabalho os atributos de Deus nas duas religiões destacando o Deus Criador a partir dos

textos da criação que são as bases e fontes reveladoras da graça inesgotável de Deus. O qual vejo como mais um ponto comum de aproximação entre judeus e muçulmanos.

No terceiro capítulo, proponho o diálogo com o compromisso de libertação e promoção da paz. Sendo assim os judeus e muçulmanos são chamados a colocar-se numa atitude de escuta e diálogo pelas causas sagradas da vida dos milhões de empobrecidos, pela natureza que agoniza e a justiça que nos dar como fruto a paz, eis a razão do diálogo que se estende a todas as religiões. Este diálogo não é apenas entre as religiões em si e seu líderes, mais também de convivência solidária e fraterna entre os fiéis.

Enfim, considero o diálogo entre o judaísmo e islamismo um tema muito desafiador e inovador. Pois, nas pesquisas e investigações que realizei não encontrei obras que trabalhassem este tema especificamente. Encontrei várias obras sobre o diálogo entre o cristianismo e islamismo, e também de maneira geral o diálogo entre todas as religiões. Portanto, creio que seja interessante conhecer a reflexão que aqui ouso em realizar: *"Diálogo Inter-religioso Caminho de Graça: Leitura bíblica-teológica-pastoral para o diálogo entre judaísmo e islamismo numa perspectiva de paz".*

Convido você a iniciar a sua leitura com o conto dos "Dois Sábios e o Gentil" o qual será concluído no final desta trabalho. Este conto ilustra um encontro inter-religioso através da oração: *O pensador Maloqui imagina um diálogo em torno a fé entre um pagão e dois sábios representantes de duas grandes religiões monoteístas – judaísmo e islamismo. Cada sábio por vez vai expondo ao gentil o conteúdo de sua religião: as maravilhas que Deus realizou por meio dos profetas, o desenvolvimento e crescimento de sua religião, a perseverança na fé e sua defesa, os seus livros sagrados que foram revelados por Deus. Quando os dois terminaram sua exposição, o gentil dirige um canto louvor a Deus. Nenhum dos dois sábios ouso perguntar-le qual das duas religiões havia se convertido e a que Deus se havia dirigido em sua oração de louvor...*[5]

# CAPÍTULO I
# RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE JUDAÍSMO E ISLAMISM0

No presente capítulo apresento a relação histórica de diálogo entre o judaísmo e islamismo a fim de demonstrar que há mais tempos marcados pela convivência em paz do que por conflitos. Na verdade o conflito entre Israel e Palestina, tão destacado e acentuado pelos meios de comunicação, que vemos acontecendo e que parece sem solução, não se deve a um conflito religioso
em si. Agora olhando na história podemos encontrar vários aspectos comuns das duas religiões que hoje pode possibilitar e colaborar para um novo tempo de paz. Neste sentido trabalho três pontos: num primeiro ponto Abraão o Pai da Fé comum nas duas religiões; num segundo ponto uma síntese da história das duas religiões e suas escrituras sagradas fazendo uma relação com a tradição e no terceiro e último ponto destaco as relações entre as duas religiões em suas origens culturais e em diferentes épocas da história.

## 1 - A história de Abraão

As fontes da história de Abraão no judaísmo e islamismo são praticamente as mesmas com algumas particularidades. As duas religiões têm livros revelados e tradições: os judeus com o Torá e *Talmud* os muçulmanos como Alcorão e a *hadiz e sunnah* (práticas e ditos do profeta Muhammad[6]). Neste sentido podemos encontrar nos autores das duas tradições apenas a repetição sobre a vida de Abraão. O nome de Abraão une e separa judeus e muçulmanos[7]. Une através da aliança com Deus na espera da realização da promessa de uma terra, descendência e bênção. Separa enquanto reivindicação do nome de Abraão como propriedade exclusiva e distinta interpretações da revelação. Agora especificamente quanto as fontes sobre Abraão e sua história Yaratullah Monturiol afirma que:

> No habría de ser motivo de discordia las diferencias entre estas tradiciones por motivo de sus textos. Es ridículo comparar a unas con otras como si tuvieran que adaptarse a un discurso idéntico. Al proceder de la misma raíz, muchas cosas las acercan, pero la falta de conocimiento y la poca percepción de que se trata del mismo mensaje, produce

tergiversaciones y confusión. Los motivos socio-políticos de los conflictos actuales entre pueblos semitas no tienen motivos religiosos o espirituales.[8]

Portanto, vejamos Abraão, o Pai da Fé, que une judeus e muçulmanos enquanto chamado por Javé-Allah nesta relação com a promessa de uma terra, descendência e bênção (Gn 12)[9]. Logo o conhecimento da influência de Abraão na tradição semita (judeus e árabes) leva a compreender a base histórica e espiritual destes povos, assim como cria um vínculo especial entre judeus, cristãos e muçulmanos.[10] Devo chamar a atenção quanto a  história de Abraão aqui apresentada que parece apenas uma repetição, porque procuro contar de forma continua a história reunindo fontes das distintas tradições religiosas “monoteístas”.

## 1.1- Abraão, Pai da Fé

As diversas tradições no livro do Gênesis, que é uma das fontes comum para judeus, cristãos e muçulmanos, falam de Abraão como um homem de fé  que se submete á prova de Deus, destinatário de uma aliança expressa com a circuncisão e por fim como cheio das bênçãos de Deus.[11]  Abraão é um “homem de fé porque confia que Deus cumprirá suas promessas ainda que pareçam absurdas”.[12]

A fé abraâmica une judeus, cristãos aos muçulmanos como testemunhas “sucessivas” da confiança em Deus. Quando Abraão emigrou de Ur, rompeu com os velhos deuses e não aceitou os das novas terras, se não que pôs sua confiança no único Deus, que não existe em um só país e que o havia chamado para levá-lo a uma nova pátria. Está religião da confiança chegaria a ser a raíz comum do judaísmo, religião da esperança, do cristianismo, religião do amor e do islam, a religião da fé.[13] Na tradição neo-testamentária  Abraão aparece como figura emblemática da história da salvação. Os escritos paulinos destacam sua importância como modelo histórico e prenúncio profético da economia da fé e da graça. (Cf. Gl 3, 6-18; 4, 21-31; Rm 4, 1-25; Hb. 11).

O povo judeus reconhece que Abraão é o semeador da sua fé:

> O judaísmo é a árvore religiosa plantada por Abraão e por Moisés na Palestina do século XIX e XIII antes da nossa era comum (AEC). Inseparável de uma terra e de um povo, é antes do conhecimento dessa história.[14]

Já o rabino Abraham Heschel ao se referir a Abraão e seus descendentes diz que "não se deve entendê-lo como princípio a ser entendido mas compreendido e continuado na vida daqueles que se associam a sua aliança: Abraão permanece para sempre (Gn 18,22)".[15]

No Alcorão temos mais de 25[16] *sura* (capítulos) com referências a vida de Abraão que aparece como: um dos profetas; *hanif* (reconhece a unidade divina e sem associar-lhe a nada) que luta contra os ídolos em sua terra natal; colocado na fogueira sendo salvo pelo anjo Gabriel é obrigado a fugir para o exilio (Cf. 21,58-67;21,68-70; 22,31;37,85-90;37,91-94;37,98;37,95-96;37,97); a história de Agar e Ismael; sacrifício do filho; o segredo de sua morte (Cf.11,71-72;12,38;30,23)[17] como todos os outros enviados por Allah: mensageiros da vontade de Deus e juízos.[18] "Muhammad entende ser o autêntico herdeiro de Abraão, pois desde o primeiro momento, o Islam[19] reivindica para si a pertença de Abraão".[20]

Yaratullah Monturiol ao realizar um estudo sobre o profeta Abraão no Alcorão não nega a necessidade de recorrer as fontes hebréias destacando a importância atual para as religiões:

> Para tratar el tema del profeta Ibrahim (*alaihi salam*) desde la versión islámica de la historia, es imprescindible acudir a las fuentes hebreas. Las diferencias que se descubren a raíz de la búsqueda del conocimiento, no han de considerarse motivo de confusión ni por ello hay que reprimir la voluntad de averiguar, investigar y discernir, pues no es cuestión de juzgar ni decidir qué hay de falso o verdadero en cada dato. Lo crucial es abrirse para que surga el desvelamiento. Y aún siendo hoy tan incierto, el futuro de los hijos de Abraham, no sólo comparten un mismo padre, base de prosperidad y consolidación de sus respectivos pueblos, sino la promesa que Al-lâh hace, respecto a los frutos de este carismático profeta. De hecho, más que cualquiera de las respuestas que ofrece el estudio de los textos sagrados, lo que hace resurgir a Ibrahim y lo hace intemporal, es el planteamiento de una pregunta esencial: ¿Qué necesidad tenemos actualmente de recurrir a este antiguo profeta y que nos aporta?[21]

### *1.1.1- O chamado*

O Alcorão conta a origem, chamado e missão de Abraão. O pai de Abraão (em árabe *Ibrahim*), visir do rei. O saber de seu tempo era a astrologia, na qual os assírios e os babilônios eram expertos. Os magos anunciaram o nascimento de um varão que traria uma nova visão espiritual. O rei decidiu executar a todos os varões nascidos neste ano. Seu pai ao saber da notícia, levo sua mulher para longe da cidade, a qual deu a luz em uma caverna. A nova visão de Abraão é a de um *hanif:* "Reconhece a unidade divina sem associar-la a nada”(Cf. 22,31). Abraão, em sua busca da verdade, se pregunta sobre a origen de todos os astros (Cf. 6:76-79). Iniciando assim sua luta contra a idolatria questionando seu pai que era guardião do templo dos ídolos (Cf. 37,85-94). O Alcorão nos explica esta história em duas *suras* distintas (Cf. 21,58-67;37,95-96), porém coincide em continuar este relato com a condenação ao fogo (Cf. 21,68;37,97). Dentro do forno encontra com *ÿibril* (Gabriel) que pergunta o que desejava; Abraão disse que se confiava (tawakkul) a seu *rabb* (Senhor), e neste mesmo instante, o *rabb* o deu o nome de *jalil* (impregnado de Allah), e o tirou do fogo (Cf. 21,69-70;37,98).[22]

Os eruditos muçulmanos dizem que Abraão significa 'pai compassivo' significado conhecido na maioria das línguas semíticas de seu tempo. Sem dúvida há uma relação direta entre seu nome e a missão para o qual foi escolhido: foi-lhe imposta a responsabilidade do chamado universal à Allah (Cf. 6,161).23

No livro do Gêneses (Gn 12, 1-9) encontramos o início da aventura é a fé de Abraão que obedece a um mandato de Deus (emigra de Ur, Mesopotâmia) que está explicitamente associado a um dom: de uma terra, descendência e bênção. A relação de Abraão com Deus se dar na fé expressada como obediência e dom acolhido que o capacita a obedecer como dom. A história de Abraão é trágica desde sua origem. Ele é atingido por Deus em sua identidade sem qualquer apelativo que sirva para um começo de história. Por essa razão, a história de Abraão está sob o signo da Palavra de Deus, que se manifesta desde o início como totalizante.[24]

### 1.1.2- A terra

"Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai..." enumera três realidades: geográfica, cultural e local. Abraão é chamado a abandonar certa segurança sociológica: o clã, a mentalidade, a cultura etc. A obediência incondicional de Abraão se torna mais explícita se levarmos em conta o fato de que, para o homem antigo, o abandono da pátria e o rompimento com os ancestrais representavam uma atitude quase absurda. A sua situação é completamente desanimadora: sem família, sem país e sem clã (Gn 11, 30). Não obstante a esterilidade de Sara (11,30; 15, 2-3; 16, 1), Abraão acredita nas promessas divinas. Ele coloca toda a sua esperança em Deus. Trata-se de um chamado absoluto. É a Palavra de Deus que norteará toda a existência exigindo dele um ato de total abandono.[25] Abraão no país de Canaã encontra-se numa situação de contrastante: os cananeos habitavam a terra, possuíam-na com armas, poder e plenitude. Abraão tem como única segurança a Palavra de Deus, pois ele ali entrava como imigrante, em figura, a terra que já lhe pertence; é uma tomada de posse da fé.[26]

Segundo Alcorão o êxodo de Abraão começa em consequência da perseguição dos sacerdotes, pois ele estava questionando sobre o sentido do culto aos ídolos. Abraão parte com sua mulher Sara, e seus companheiros. Atravessou Siria, Palestina e Egipto onde a beleza de Sara atraio a atenção do faraó. O qual pergunta a Abraão o que ela era dele e ele responde que é sua irmã, porém logo reconheceu o vínculo que o unía a ela. O

faraó deu tudo o que necessitavam enquanto estivessem nessas terras e também deu-lhe de presente a escrava chamada Agar (em árabe *Haÿar*). Votando ao deserto, Sara crendo ser estéril, ofereceu a escrava Agar a seu marido para que pudessem ter descendência, e assim, de Agar e Abraão, nasceu Ismael (em árabe *Ismail*). Sara se pôs zelosa ao extremo exigiu a Abraão que expulsasse a Agar e seu filho de seu lar. [27]

### *1.1.3- A descendência*

Não valeria de nada possuir a terra se não tivesse descendência. Ora, Abraão não tem e não poderá tê-la, porque sua esposa é estéril. Porém, Abraão se une a Agar, a egípcia (Gn. 16,2) porque a promessa de ser pai de um grande povo poderá se concretizar, pois, ouvindo a voz de Sara, ele tenta encerrar na lógica humana o dom de Deus. Ora, o projeto de manipular o dom de Deus não funciona porque o que Ele oferece, ainda que pareça humanamente irrealizável, não pode ser obtidas com as próprias forças. O dom deve ser acolhido segundo os critérios do doador. Abraão deveria se deixar conduzir unicamente pela Palavra de Deus com uma atitude de total abandono ao seu poder. “Não será este o teu herdeiro, mas alguém nascido de ti será o teu herdeiro.”[28]

Em Gênese 17 Abraão já é "pai de multidão" (99 anos). Sara deu a luz a Isaac. Sara viu que Ismael se burlava de Isaac (em árabe *Ishaq*); então diz à Abraão: "Expulsa a esta escrava para que não seja herdeiro junto a Isaac". Para Abraão isso é: "uma coisa mau aos seus olhos", porém Deus diz que não se preocupe, porque a semente de uno e de outro crescerá. Isto é importante para considerar que o zelo de Sara foram uma "sorte" para Agar, que por um lado, abandonada deixa de ser escrava igualando-se em direito a qualquer mulher livre, e por outra parte, legitimava sua descendência e dignificava sua situação. Allah favoreceu ao fruto de Agar, arrastrando-la a um destino aparentemente cruel, porém daí pode-se dizer que o zelo de Sara foi um beneficio para Agar e para surgimento do Islam.[29]

Agar no deserto com Ismael em busca de água dar origem ao ritual da peregrinação à Meca fundando a cidade, ainda que não se mencione. O Alcorão Karim

diz que Abraão os visitava e foi ele quem construiu com Ismael a Kaaba.[30]

É interessante observar uma das diferenças entre o Alcorão e a Tanak: a Tanak nos diz que é Javé quem fala a Abraão e pede o sacrifício de um dos filhos; enquanto que no Alcorão Abraão tem um sonho e visualiza o sacrifício de seu filho e o interpreta como uma ordem divina (Al 12,38; 30,23).[31]

### *1.1.4- A bênção*

Após os imperativos - sair, deixar, parte – segue-se às promessas da benção. Abraão será em virtude de sua fé, causa de benção para todos. Se reconhecer a Deus como origem da vida, ele é abençoado. Se os demais povos reconhecerem a Deus como Aquele que abênçoa Abraão, serão igualmente abençoados. Inversamente, se não souberem reconhecer Deus como princípio da bênção, serão amaldiçoados. Esta é a dinâmica da História da Salvação: aquele que aceita a benção de Deus se torna bênção para os outros.

Só quando ele entra em uma situação de aparente maldição, então precisamente se realiza a bênção definitiva. Ele experimenta assim uma realidade de morte – ser nômade, sem terra própria, sem filhos e, portanto, sem futuro, obedecendo e acreditando num Deus vivo, e isto transforma radicalmente a sua vida. O acolhimento na fé das promessas de Deus lhe permite abandonar-se, caminhar e peregrinar porque o ponto de referência de toda sua existência é a força criativa da Palavra de Deus: Deus disse e tudo se fez.

Há contradições entre as duas tradições sobre qual é o filho que Abraão iria sacrificar. Para os muçulmanos é Ismael (Cf. Sura 37,102.104-106), porque o Alcorão relata imediatamente depois do sacrificio, que Sara fica grávida, como se fora a recompensa pela obediência de Abraão. Como o explica o Alcorão, é depois do sacrifício que Sara, estéril e de idade avançada, dar a luz ao herdeiro Isaac do qual descende Jacó (*Yakub*) e as doze tribos de Israel. Já descendência de Ismael passou a vive num deserto que ninguém havia possuído. Neste lugar é que se encontra o "Cubo", a Casa de Abraão, e Ismael do qual nascerá Muhammad, depois de várias gerações, vínculo entre as duas

genealogias. O tema da eleição entre um e outro filho no está apresentada assim no Gênese se não que é parte de um *Midrash* (textos que os sábios escreveram para completar ou explicar o incomprensible). Mais ambas as tradições ressaltam a obediência e submissão de Abraão a "ordem divina" de sacrificar um dos filhos (Cf. Alc.37,102.104-106; Gn. 22,1-19).[32]

Enfim, não se pode ignorar como diz Monturiol:

> No uno sino dos grandes pueblos verán a Abraham como a su padre, dos poderes guiados, instrumentos con los que opera la Voluntad del cielo. Abraham es así, la fuente de dos corrientes espirituales, que no tenían que fluir juntas, sino cada una en su propio cauce.[33]

### *1.1.5- Legado de Abraão*

O legado de Abraão é motivo de disputa e diálogo entre judeus e muçulmanos. Abraão no judaísmo é visto como: servo de Deus que se converte em amigo de fama iniqualável. Segundo a Talmud Abraão viveu os princípios da Torá escrita e oral antes da revelação no Sinaí, afirmando que todos os seres humanos foram criados em sua atenção e méritos. Os judeus reivindicam a filiação exclusiva de Abraão para si.[34]

O Alcorão apresenta Abraão como um grande profeta, é o segundo mais citado depois de Moisés, reconhecido também como amigo de Allah. Ele não foi nem judeu nem cristão, mas o primeiro muçulmano. Abraão é o arquétipo das etapas de iniciação para voltar à perfeição adâmica, antes de ser velado, pela desobediência. Diz o Alcorão Karim "Não amou o que se apaga". Os acontecimentos que marcam os episódios mais emblemáticos de sua vida ocorrem por amor a Allah.[35]

Pode-se constatar que Abraão é um ponto de referência comum e por outro lado de separação devido aos diferentes enfoques interpretativos. Sendo assim não é ponto de partida ideal, mas real para o diálogo.[36] Os aspectos destacados do chamado, terra, descendência e bênção são assumidos por judeus e muçulmanos como próprio refletindo na relação tensa. Estes aspectos comuns e as diferenças entre o judaísmo e islamismo

também são facilmente constatados na história de ambas religiões que acentuam sobretudo o aspecto fundamental da fé originária do conceito do Deus Uno e Único de Abraão .

## 2 - História do judaísmo e islamismo

Neste ponto apresentarei um breve histórico das origens do judaísmo e islamismo. No qual farei uma apresentação do Alcorão e da *Tanak,* os livros sagrados, vendo também a importância e relação tensa com a tradição. Assim pretendo ser mais claro e compreendido na reflexão que faço sobre o Islamismo e Judaísmo. Pois entendo que é fundamental o conhecimento do passado para saber compreender o presente e traçar metas para o futuro. Prática esta que marca o judaísmo e islamismo enquanto desejo de continuarem no tempo e no espaço o testemunho de uma fé hoje autêntica e coerente com suas origens.

### 2.1- O islamismo

Para conhecer e entender o islamismo acredito que se faz necessário ter presente uma preparação prévia: primeiro devemos nos liberar de prejuízos semeados na história e reforçados no presente.[37] Já que o Islam não pode ser ignorado, pois é uma religião mundial que tem mais de 1.200 milhões de seguidores; uma de cada cinco pessoas do mundo é muçulmana[38]. Os muçulmanos são maioria em mais de quarenta e cinco países[39]. Segundo devemos conhecer a cultura da Arábia pré-islâmica; terceiro devemos ver a história do Islam no mundo; e por fim devemos respeitar a experiência de fé dos muçulmanos que se fundamenta na mensagem de Allah revelada ao profeta Muhammad escrita no Alcorão e na tradição *Sunnah* e *hadiz*.

Durante as três décadas passadas, o Islam há estado presente nos títulos dos noticiários do mundo devido ao terrorismo e guerras. Desde 1979, o mundo há presenciado a violência sem precedentes das atividades terroristas realizadas por

“fundamentalistas muçulmanos” em todo norte da África, Ásia (Oriente Médio), Europa e América do Norte. De forma que para o ocidental o Islam expressa uma fé irracional e ilógica, ao mesmo tempo é onde a maioria das pessoas têm muito pouco conhecimento desta religião. Se considera aos muçulmanos como gente religiosa hostil, violenta e anti-ocidental. Muitos analistas políticos, eruditos e jornalistas têm feito incansáveis esforços para analizar e definir o Islam. Contudo, o Islam segue sendo uma ideologia obscura, obtusa e irracional para a mente e a cultura da sociedade ocidental. Com base em tais acontecimentos e opiniões não devemos julgar a todos os muçulmanos à luz da violência cometida em tempos recentes por um “pequeno grupo de fundamentalistas muçulmanos”[40]. De forma que Muhammed Arkoun chega a afirmar: “A exclusão, no ocidente, há passado do ambiente religioso aos ambientes universitários e científicos. Nem todos, porém a tendência dominante... .”[41] Estão presente em vários países do mundo e com características diversas em cada país. O Islam não se confunde com o mundo árabe, não é uma religião de fatalismos tampouco de fanáticos.[42]

Segundo Emilio Galindo, para poder entender a mensagem do Islam é fundamental conhecer a situação religiosa da Arábia na véspera pré-islâmica.[43] Pois, “em sua estrutura, o Islam é uma religião sincrética e eclética, um combinado de várias religiões do entorno de Muhammad”.[44] “O trabalho arqueológico e linguístico feito desde o fim do século XIX tem desterrados evidências abrumadoras de que Maomé construiu sua religião e o Alcorão a partir de materiais pré-existentes na cultura árabe”.[45] Evidências estas que confirmam que o gênio criador de Muhammad que soube suscitar um sentimento nacional árabe com base religiosa e que soube agrupar, abaixo de uma única fé, as tribos dispersas da Arábia.[46] Em meio a uma situação de desequilíbrio econômico, risco de auto destruição entre as tribus, perda dos valores éticos comunitários e despreso dos impérios vizinhos Muhammad encontrou uma resposta na profissão da fé comunitária no Deus Supremo Criador, Allah já cultuado no panteón de Meca.[47] Neste sentido Xabier Pikaza diz:

> El Islam ha sido grande (y puede continuar siéndolo) en la medida en que ha forjado un tipo de sociedad estable, organizada desde a fé, donde todos los aspectos de la vida se

encuentran regulados partiendo de la misma palabra de Muhammad. Recordemos que Muhammad, siendo un genio religioso, fue antes de todo un conductor de masas, un estratega social: así consiguió vincular a las tribus árabes dispersas, dándoles una conciencia "mesiánica" y presentándolas como pueblo destinado a convocar en unidad (en una) a todas las naciones y razas de la tierra.[48]

O Islam é uma religião de origem árabe revelada ao profeta Muhammad[49] (578-632) no século VII da E.C. que confessa a total submissão a Allah conforme o Alcorão. Em seu credo ou cinco pilares que são as obrigações de todos os fiéis pelo menos quatro são práticos com uma profissão de fé: oração cotidiana, a esmola aos pobres, jejum no mês de Ramadam, a peregrinação a Meca e a profissão de fé.[50] Dividida após a sua morte misteriosa em dois grupos: sunitas e xiítas.[51] As divisões no islam tiveram como causa fundamental razões políticas. [52] O Islam aparece na Arábia num ambiente politeísta árabe em contato com os judeus e cristãos.[53] A Arábia era vista como desdén pelos grandes impérios vizinhos, Bizâncio e Pérsia. Os nômades, cujas incursões eram tão temidas pelos sedentários dos países vizinhos. Com o Islam, os árabes se converteram em iguais e logo em senhores de quem os depreciava. Tiveram sua própria religião, seu próprio profeta e seu próprio livro sagrado. Aí se diz que Deus revelou o Alcorão para que não tenha que dizer: A escritura só baixou para duas comunidades (Alcorão VI, 157-156). Este texto se referia ao judeus e cristãos. Na linha das religiões bíblicas, o Islam se apresenta como uma religião árabe para os árabes. [54]

Enfim poderíamos dizer que o Islam "É um complexo religioso, social, jurídico, político e cultural: tudo de um modo indiviso e orgânico. É ao mesmo tempo, uma religião, uma nação e uma cultura."[55] É interessante observar que em se tratando do Islam se olha muitas vezes só para a história recente colocando uma venda no passado e traçando um futuro de terror e medo. Karen Armstrong em "El Islam" diz:

El Islam otorgó durante siglos a las nociones de justicia social, igualdad, tolerancia y compasión práctica un papel preponderante en la conciencia musulmana. Los musulmanes no siempre viven conforme a esos ideales, y a menudo les resulta difícil encarnarlos en sus instituciones sociales e políticas. Pero la lucha para lograrlo constituyó durante vários siglos la razón principal de la espiritualidad islámica. La población occidental debe hacerse consciente de que el hecho de que el islam se mantenga saludable

> e fuerte redunda también en sus propio interés. Occidente no ha sido el único responsable de las formas extremas del islam, que han cultivado una violencia que quebranta las más sagradas normas de la religión; pero ciertamente ha contribuido a su desarrollo, y, si desea aliviar el temor y la desesperación que constituyen la raíz de toda visión fundamentalista, en este tercer milenio de la era cristiana debería cultivar una valoración más certera del islam.[56]

### *2.1.1- Alcorão*

A doutrina pregada por Muhammad foi recolhida no Alcorão (em árabe *Qur'ân*, leitura)[57] livro sagrado dos muçulmanos, e o conjunto da *Sunnah* ou tradição islâmica. O profeta não escreveu obra alguma, se havia limitado a pregar o Islam, religião nova cujo o princípio básico consiste na submissão plena a vontade de Allah, o Deus único. Do Alcorão se diz que é cópia de um texto árabe que desceu do céu (Azoras 43,2-4; 20,113; 26, 192.195). Este exerce sobre os muçulmanos uma fascinação especial que não se deve só à beleza e harmonia da língua árabe se não a convicção de que o Alcorão foi ditado por Allah tal qual está escrito, sendo uma cópia do outro celestial.[58]

O Alcorão se apresenta a si mesmo como: descido do céu (Cf. 39,23); glorioso em tablitas (Cf 85, 19-22); para uso pessoal e pregação (Cf. 80, 11-16); para toca-lo se deve purificar (Cf. 56,75-80); se deve escutar em silêncio (Cf.7,204); a revelação do Alcorão (Cf 97,1-5) e a grande visão quando desceu completo do céu no mês de Ramadã entre 26 e 27 (Cf. 53,1-18).[59]

Fala-se que Muhammad tinha muitos dons, o mais grande deles era o da palavra. Era um experto na língua árabe aparentemente não superado em seus dias, sobretudo no estilo semi-poético da oratória.[60] Alcorão propriamente significa recitação e não leitura. Pois, como muitos de sua época Muhammad não sabia ler e nem escrever e durante suas visões o anjo Gabriel recitava e ele repetia. Esta forma de prosa e poesia fascinava os árabes os quais eram "enamorados da eloqüência e da poesia"[61]. Assim se respondia ao um problema coincidido com as aspirações mais profunda dos primeiros crentes que se converteram pela mera bela do Alcorão.[62] A composição do livro passou por várias fases e supõem que entre as data de 610 a 632, datas que marcam o início e o fim das revelações, o mesmo Profeta corrigiu algumas de suas partes antes de sua morte. Pois,

ele recitava em voz alta e os muçulmanos aprendiam de memória e as escrevia. Uns vinte anos depois de sua morte se fez a primeira compilação oficial. Os compiladores colocaram as suras maiores no início e as mais breves no final. Em sua forma atual o Alcorão consta de 114 capítulos (*sura ou azora*) com um total de 6.206 versículos (*ayât*), cada um distribuidos de forma desigual onde o menor número é 3 e o maior 227. Cada capítulo é conhecido por seu título: a vaca, as mulheres, os rebanhos, o botin, as abelhas, os poetas, os anjos, a pena, os gênios, as trevas e tantos outros títulos da azora corânica.[63]

A mensagem do Alcorão é muito simples, pois apresenta como idéias fundamentais: a unicidade de Allah; escatologia (anúncio do juízo final); e a submissão a Allah. Aparece também como grande tema de meditação dos fiéis a criação.[64] As declarações mais antigas insistiam na justiça social. Quando começou a se formar, o corpo das mensagens corânicas continha o essencial sobre toda fé monoteísta, com um código moral parecido com o decálogo e uma preocupação muito séria pela ajuda mútua. Muitas pessoas podiam creer que se tratava somente de uma nova fraternidade de pobres de Javé. Se sublinha a função dos profetas bíblicos anteriores, especialmente Moisés. Nas páginas mas antigas do Alcorão, Muhammad se apresenta como o novo Moisés, o Moisés dos árabes. Nesta época também não há nenhuma oposição entre a nova religião e as dos seus contemporâneos. Ao contrário, cita em certa ocasião para confirmar a sua própria autoridade (Cf. 10,94). O Islam aparece sempre como a forma da eterna religião bíblica. Nela se adora a Deus como o criador todo poderoso, o senhor do universo, infinitamente misericordioso. Só mais tarde é que começa a ter problemas com os Judeus de Medina.[65]

Monturiol faz um comentário muito interessante sobre o Alcorão que serve também de advertência e esclarecimento:

> O Alcorão, nos leva a viagens no espacio e tempo; as vezes nos fala sobre os costumes árabes de então e de suas tradições, e outras vezes volta até épocas anteriores, contando as histórias de outros mensageiros: Abraão, Yusuf, etc. Muitas dessas histórias, são as que aprendeu o profeta por vía oral em suas múltiplas viajes; isto é, em algumas ocasiões podemos escutar histórias completas, e outras histórias fraccionadas. Embora, o mais importante de todo é o que realmente quer dizer, vinculando-a com as causas de

descenso, como inspiração divina de Allah.66

Para a ortodoxia muçulmana, o Alcorão se apresenta como a Palavra increada de Deus, modelo por excelência da perfeição da linguagem. Visto de fora parece incoerente e incompreensível em seus relatos que não seguem uma ordem e sua forma poética. O leitor não advertido encontra-se com obscuridades, repetições, tautologias, sem ter a sensibilidade da beleza sonora da leitura ritual e salmodiada. Porém, estás são dificuldades encontradas na maioria das Escrituras Sagradas.[67]

### *2.1.2- Alcorão e tradição*

Um texto Sagrado com suas aparentes contradições e obscuridades é iluminado pelos comentários ortodoxos guiados divinamente. Os comentários têm surgido da tradição oral que acompanha à Revelação desde a origem, ou hão surgido por inspiração da mesma fonte sobrenatural. A tradição judía (*mishná*) e islâmica (*sunnah*) afirmam que não é a forma literal das Escrituras Sagradas o que tem força de lei, se não unicamente seus comentários ortodoxos.[68] No islam não só é o Alcorão revelação mais também a tradição: a *sharia* (o caminho) que forma o corpo de leis islâmicas derivadas diretamente do Alcorão e os *hadiz (notícias, informes) e sunnah* (costumes) religiosos do Profeta que foram registrados pelos seus companheiros e familiares para posteridade a qual se considera a lei islâmica ideal.[69]

O Alcorão é uma lei ou caminho (*Sharî'a*) tanto para as pessoas quanto para o Estado. A *Sharî'a* é um conceito central no islamismo, que no passado era simplesmente "o caminho" de Deus, mais tarde adquiriu sentido técnico para indicar a religião ou a moral, diferente da *Fiqh* ou jurisprudência (conhecimento). As "ciências religiosas incluem a interpretação da Escritura o *tafsîr* (mesma raiz do hebreo *pesher* ou "interpretação"), os estudos da *hadiz*, a investigação teológica e o *fiqh.* Todos dependem da revelação, a *Sharî'a* abarca a lei (*fiqh*), a moral (*dîn*), a especulação racional (*kalâm*), o pensamento místico (*tasawwuf*) e a piedade pessoal (*taqwah*).[70]

O próprio Alcorão fala da sunnah de *Allah* entendendo por ele os princípios de ação de Deus em relação aos seres humanos, porém a tradição há reservado essa palavra

para as formas de atuar, costumes e exemplos de Muhammad. A sunnah possuí várias dimensões: física, moral, social, espiritual, entre outras. Fundamentalmente, a sunnah moral ou social é uma adequação direta ou indirecta da vontade à norma humana; sua finalidade é atualizar, não limitar nossa natureza horizontal positiva; porém, como se dirige a todos(as), forzosamente leva em sí elementos limitativos desde o ponto de vista da perfeição vertical.[71]

Para comprender todo o alcance do Alcorão há que considerar três conteúdos: doutrinal (tratados canônicos do Islam), normativo (virtudes da alma) e magia divina (poder misterioso em seu sentido milagroso). Estas fontes de doutrina metafísica y escatológica, de psicologia mística y de poder teúrgico, se escondem debaixo do véu das palabras. Como toda Escritura sagrada, o Alcorão é, a *priori* un libro "fechado", ainda que esteja aberto de outro ponto de vista, o das verdades elementares da salvação.[72]

A história do Islam, o Alcorão e sua relação com a tradição nos apresentam aspectos semelhantes e distintos com a história do judaísmo que poderemos observar.

## 2.2- O judaísmo

Farei uma breve apresentação tendo em vista que a história do povo judeu é bem conhecida em nosso meio. Entre outras fontes citarei a Hans Küng no libro "El judaísmo: pasado, presente y futuro" no qual conta a história a partir de Abraão até a formação do novo Estado de Israel e os conflitos com os muçulmanos apontando caminhos de paz:

> Falando da religião de Israel. Israel é uma terra de passagem na intersecção dos grandes blocos de poder, um povo surpreendentemente jovem se o comparamos com outros. Em contraste com o Egito e a Mesopotâmia, este Israel supõe que sua existência não se remonta a tempos imemoráveis.(...). Israel antepôs a sua própria história uma dilatada historia primitiva que se estendia desde a criação do mundo até a construção da Torre de Babel e uma pré-história dos patriarcas ou pais originários parafraseado com sagas.[73]

Deste comentário podemos sacar aspectos que caracterizam a história do judaísmo

em suas origens até nossos dias. Daí o judaísmo em sua natureza se pode classifica em: Bíblico e Rabínico.[74] O judaísmo é um patrimônio religioso cultural do povo judeu o qual desenvolveu a experiência religiosa de Abraão[75]. Neste sentido Albert Samuel diz que dizer "O judaísmo é pois , a religião de uma aliança entre uma terra (santa), um Deus, um povo."[76] É um povo que constantemente tem sido colocado a prova e tem resistido bravamente ao longo da história antiga, medieval, moderna e contemporânea. A origem histórica do povo judeus é contada num perspectiva de fé na *Tanak* a qual é fonte indispensável para conhecer ao judaísmo.

### *2.2.1- Judaísmo bíblico*

Específicamente determina a natureza do judaísmo segundo os ensinamentos da *Tanak.* A pré-história começa com o relato da criação, explicação sobre a origem do pecado as alianças de Deus com Noé, Abraão e Moisés. A partir de Abraão podemos dizer que se inicia propriamente a história já que é possível situá-lo no espaço e no tempo seguindo com os patriarcas; a libertação do Egito do povo hebreo que foi conduzido por Moisés até chegar a terra prometida, Canaã; a conquistar da terra e a divisão de tribos, sistema este de organização social e política que durou 200 anos; a monarquia que já em sua origem encontra resistência dos profetas para sua instituição e posteriormente temos toda uma contestação e denúncia profética contra as práticas de exploração e injustiça estabelecida e legitimada pela monarquia. A qual leva o povo hebreo ao exílios: assírio, babilônico e persa encerrando o período da monarquia. No ano 70 da E.C (era comum)[77] Jerusalém é destruida pelos romanos que dar início a mais uma dispersão dos judeus que culmina em 135 E.C mais uma vez na história[78]. Jorge Pixley diz que até 135 E.C. se conta a "História de Israel, o povo de Javé".

Nesta história podemos perceber que há uma evolução desde a formação de um povo, sua fé e religião que tem sua origem em Abraão até chegar ao judaísmo que tem como pai Esdras. Recordando assim o povo hebreo, que era uma classificação social para os marginalizados migrantes, biscateiros; com perda do trono, templo e terra durante o exílio e pós-exílio. A religião passou pelas reformas de Ezequias, Josias e Esdras que

promoveram um retorno a observância e fidelidade a lei de Moisés.[79]

### 2.2.1.1- A Tanak

As línguas da *Tanak* são o hebreo, o arameo e o grego. O hebreo e o arameo pertencem à família das línguas semítas. Estás estão divididas em quatro grupos: semíta do sul, do noroeste , do norte e do leste. É interessante observar que o semita do sul inclui o árabe e o etiope. Em épocas passadas o árabe era praticamente a única fonte de aproximação ao estudo do semitismo antigo. Embora, os comentários atuais aos livros bíblicos ignoram muitas referências úteis ao árabe, que enchiam os comentários da primeira metade do século XX.[80]

O cânon da *Tanak* para chegar ao cânon oficial passou por um largo processo que durou séculos. Embora, ainda temos um hebreo palestino e um helenístico. Os primeiros a serem reconhecidos foram os que constituem a *Tôrah* (no hebreo instrução)[81] seguindo dos *Nebi'im* (livros proféticos) antes da época cristã. O terceiro grupo foram os *Ketubim* (escritos) que só obteve unanimidade no período talmúndico. Podemos encontrar nas *Mishná* as controvérsias quanto a definição do canon. A Bíblia hebréia tal como chegou a nós se fixou no século II E.C., a qual consta dos seguintes livros: 1-Torá (escritos de Moisés): Gêneses, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; 2- Profetas: Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel, e os doze profetas menores e 3-Escritos: Salmos, Provérbiso, Jó, Canto dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, 1 e 2 Cônicas.

Os demais livros são considerados *Sefarim hisomim*, isto é, apócrifos, deuterocanônicos ou pseudoepígrafos. Na concepção judía a Torá recebida no Sinaí é um ato de *hesed* (graça) não menor que qualquer outra ação salvífica ao longo da história como afirma a tradição.[82]

### *2.2.2- Judaísmo rabínico*

É o judaísmo pós-bíblico, chamado também de “rabínico sinagogal”[83] assumiu formas e características no últimos séculos da A.E.C. Este foi impulsionado com o sinédrio de Jâmnia entre 74-132 da E.C. Tendo como líder o rabino fariseo Johanan Ben

Zakkai. O qual criou o *Bet Din* (casa de estudos e de lei). Com uma vasta produção literária no período clássico (séculos I-VIII da E.C.)[84]. Esta nova forma de organização daria identidade ao judaísmo que vive conforme a leis e costumes de Javé dada a Moisés e interpretada pelos rabinos, para que pudessem servir de normas para a vida nos centros urbanos do mundo. Este judaísmo tem três pilares: a Torá, as boas ações e a adoração[85]. O que se encontra na *Talmude* divida em duas obras *Mishná e Guemara*[86].

Escritura e tradição oral é uma relação que se dá em tensão em muitas religiões e mais intensa quando reveladas.[87] De certo modo depois de “instituido o cânon em uma religião, nem tudo está terminado”.[88] O judaísmo rabínico fariseo teve que estabelecer uma ponte entre a Torá revelada e a interpretação da mesma transmitida na tradição. Projetou para ela a origem da interpretação tradicional ao momento da revelação no Sinaí (*Mishná*). Deste modo a interpretação da revelação da Tanak se converteu em verdadeira revelação; a interpretação revela novos significados do texto sagrado, que se alcança já não por revelação direta, se não através do trabalho exegético. A tradição garante a vigência e a inteligibilidade da revelação em cada momento histórico. Revelação e interpretação tradicional são realidades diferentes, porém relacionadas entre si.[89]

Por fim, como resultado de uma história de dispersão e exílio, podemos encontrar judeus na maioria dos países do mundo com um sentido de que são um povo único. Em suas diferentes variantes dividem-se em três correntes do judaísmo: ortodoxo (observância a lei escrita e oral), conservador (se opõe a mudanças extremas) e reformista (admite mudanças no pensamento e práticas).[90]

Como podemos observar entre judaísmo e islamismos vários aspectos religiosos comuns são compartilhados como: a relação tensa entre revelação e tradição; a difícil harmonia do religioso com o político ao longo da história e diferentes variantes de interpretação internas. Agora enquanto convivência em paz de ambos na história também encontramos em diferentes períodos e épocas. Assim constatamos que não apenas em sua fé, religiosidade e mística compartilham mas também na convivência social e cultural.

## 3 - História da convivência cultural, social e política

Reichert Rolf em "História de Palestina", das origens até a década dos anos setenta, nos oferece uma boa reflexão para entender a história da Palestina. A partir da qual podemos encontrar na cultura semita as origens comuns de judeus e árabes, em vários aspectos que resgatamos. O mesmo faz uma leitura da história enfatizando as diferentes invasões imperiais e dominações na Palestina resaltando a sua importância como uma pequena faixa de terra insignificante em extensão, porém cobiçada e grande devido a sua posição geográfica[91]. Ainda na perspectiva histórica recorro a Karen Armstrong em "El islam" destacando as relações no império islâmico entre muçulmanos e judeus. Argumentando também a partir da história que foi e é possível a convivência "harmoniosa" em paz e colaboração entre judeus e muçulmanos no mundo e em particular na Palestina. De forma que hoje ao se falar do conflito entre Israel e Palestina, por causa da terra, deve-se considerar o mesmo como fruto do "colonialismo imperial" de ontem e de hoje e não exclusivamente por razões religiosas. Enfim vejamos o que aproxima o judaísmo do islamismo enquanto a sua cultura semita e a história de relação e convivência.

O termo *semita* vem de Sem, filho de Noé, assim se supõe que semitas seriam seus descendentes. Tal suposição do ponto de vista científico é insustentável, mas se aplica ao conceito lingüístico: são os que falam ou falaram a língua semítica. O parentesco na língua não é o único laço que une os povos semitas, pois podemos comparar seus aspectos físicos, comportamentos psíquicos, crenças religiosas e instituições sociais que revelam semelhanças consideráveis[92]. Em suas origens descendem de uma mescla de povos situados numa porção de terra de clima e relevo semelhante bem cobiçadas devido a sua situação geográfica.

Destaco alguns aspectos da cultura semítica que são compartilhados pelo judaísmo e islamismo como: o sentido do sagrado e os costumes de peregrinação semitas estão no fundo de suas práticas religiosas; o Templo de Jerusalém é a casa de Javé, e a Kaaba em Meca de Allah; obrigação da pureza ritual para acessar a Deus; delimitação de uma área exclusiva no Templo para os fiéis; proibição de relações sexuais e corta cabelo em determinados períodos; o significado do sete: 7 voltas em torno da Kaaba e as 7

voltas de Josué.[93] Como também a raíz comum da língua[94], circuncisão[95], no começo do islam a oração ritual (*salat*) era voltada para Jerusalém, o jejum uma dia a cada mês se instituiu e a oração das sextas-feiras à tarde segundo o costume judeu. [96]

Na história antiga e início do Islam Muhammad procurou se aproximar aos judeus de várias formas, mas ficou decepcionado ao não ser aceito como profeta. Pois, a época do profetismo já havia passado para os judeus. Em 625 quando a comunidade de Muhammad se auto afirmou como uma força também militar as três tribos judías de Medina se aliaram com Meca para o destruir. Fracassada a tentativa de traição todos os homens de uma das tribos foram mortos e as mulheres e crianças vendidas como escravos. Este episódio aos olhos de hoje é terrível, porém era como se tratava os traidores na época. Na verdade tal ato não implicava nenhuma ostilidade aos judeus os quais continuaram vivendo em pequenos grupos em Medina e que posteriormente desfrutaram de plena liberdade religiosa nos impérios islâmicos.[97]

No início da expansão do Islam Jerusalém foi tomada em 636 e toda a Palestina toda foi conquistada em 641. Os árabes tratavam bem seus súditos judeus e cristãos, “povo do livro”, os quais pagavam um imposto pessoal em troca de proteção militar e se permitia a prática de sua fé conforme o Alcorão[98]. No período medieval os líderes muçulmanos confirmaram a autoridade das academias judías das quais se destacaram várias personalidades que ascenderam a postos importantes nos governos islâmicos.[99] Durante quinhentos anos do domínio islâmico na Palestina conviveram em relativa harmonia judeus, muçulmanos e cristãos.[100] Com a tomada de Jerusalém pelos cruzados em 1099 e a perseguição aos judeus na europa estes se refugiaram nos países árabes os quais foram recebidos fraternalmente. Do mesmo modo os países árabes foram no século XIX refúgios para os judeus que escaparam das perseguições na Polônia e Rússia. Só no século XX as relações entre os povos irmãos foram envenenada unicamente pelas potências européias: ingleses e alemães. E nos anos seguintes a segunda guerra mundial com o apoio do governo dos Estados Unidos a Israel e a decepção com secularismo provocou uma reação violenta de grupos terroristas muçulmanos contra Israel e seus aliados pelo mundo. [101]

## Conclusão

A modo de conclusão deste primeiro capítulo evidencio que há uma tensão constante entre a fidelidade e resposta ao chamado de Deus na realidade da liberdade humana vivida no mundo. Assim podemos observar estes aspectos na história de Abraão que também se reflete na religião.

Abraão é exemplo de submissão na fé a Deus para judeus e muçulmanos e modelo não apenas a ser seguido mais vivido na vida de cada fiel. Contudo, também encontramos a tensão ou contradição no testemunho de Abraão de esperar e confiar, se submetendo a vontade de Deus ou buscando interpretar as promessas de Deus procurando realiza-las com iniciativas próprias. Assim vemos o desejo de viver conforme o testemunho de Abraão como um ideal a ser sempre buscado por judeus e muçulmanos.

Este ideal de viver em cada momento o testemunho de Abraão se reflete na história do judaísmo e islamismo em diferente momentos da história. Podemos ver a tensão na relação entre a religião e o Estado. Os interesses de dominação via o poder político e econômico de alguns em várias épocas foram causas de corrupção e desvio da vontade de Deus gerando conflito com os ideais religiosos. Por outro lado a religião procurou maneira de sobreviver em diferente situações passando por reformas, a fim de se manter fiel a Deus.

Portanto, também hoje se vive nesta tensão e contradição entre o fazer a vontade de Deus e a realização da liberdade humana na realidade cotidiana. Sendo a religião e os fiéis passíveis de acertos e erros no seu modo de interpretar e realizar a vontade de Deus na fidelidade a suas promessas. Como no passado e hoje há desvio, distorções, corrupção e acentuação de ideologias religiosas de dentro e fora das estruturas da religião que não correspondem ao ideal proposto e ao desejo de ser fiel a Deus. Por isso devemos recordar

continuamente frente a ideologias e a cultura de morte, que procura velar a história de diálogo e convivência em paz entre judeus e muçulmanos. E esta dimensão da paz deve ser evidenciada, porque há razões históricas, pessoas e grupos entre judeus e muçulmanos

que continuam a ser fiéis a sua fé buscando viver em paz como povos irmãos. Os quais professam uma fé semelhante no Deus Criador, Transcendente, Clemente, Misericordioso o “Único” que se coloca do lado perseguidos(as), empobrecidos(as), oprimidos(as) manifestando a sua  graça para com a humanidade e toda criação.

# CAPÍTULO II
# DIÁLOGO DE DEUS COM A HUMANIDADE:
# A CRIAÇÃO É GRAÇA

No capítulo anterior apresentei uma etapa inicial do diálogo e convivência no partilhar da vida e a diversidade em perspectiva bíblica e histórica. Procurei destacar os aspectos comuns de convivência e diálogo no passado que podem iluminar o presente,

apontando um futuro possível de paz. Neste sentido voltamos a história de Abraão e a revelação de Deus na históricas do judaísmo e islamismo em suas relações na história e sua luta por libertação, unidade e transformação da realidade de injustiça em graça. Deste modo ambas as religiões desenvolveram e poderão continuar sua missão no papel de receptoras e expressão visível de graça de Deus ao e no mundo.[102]

Agora no segundo capítulo vejamos a relação dialogal entre o judaísmo e islamismo no intercâmbio de palavra e escuta no aspecto bíblico-teológico. O princípio orientador é despertar nos interlocutores ações como: o interesse para estudar a história e princípios da religião um do outro/a; reconhecer os seus valores; escutar as razões que têm levado aos crentes a aderirem a elas e a valorizar em seu justo termo suas experiências religiosas.[103] Neste sentido apresentarei três pontos: alguns atributos de Deus no judaísmo e islamismo[104], as relações de semelhanças e diferenças, e por fim destaco na Tanak e Alcorão o Deus Criador, como criação e graça.

É importante deixar claro que a palavra graça é desconhecida no mundo semítico, porém o seu sentido é expresso em outros termos[105]. Contudo, introduzo o tema graça para facilitar a compreensão e ressaltado o papel das religiões como receptoras e transmissoras de graça. Por outro lado a criação é um dos temas mais importantes de meditação para judeus e muçulmanos. Pois é Deus que se dar a conhecer na criação, prova de sua existência, da qual se deriva vários atributos, cujo o Deus Criador é mais um ponto de convergência que abre portas para um diálogo e convivência em paz com ações criativas.

## 1 - Atributos de Deus no judaísmo

Os atributos de Deus no judaísmo nascem da relação do povo hebreo com este Deus na história, pois "o judaísmo é uma religião de história, uma religião de tempo"[106]. O Deus transcendente, mistério[107] que se revela de modo que nos "eventos"[108] históricos é reconhecido e revelado ao mundo.

Nos primórdios da vida e da fé do povo de Israel não se encontram verdades abstratas,

> adquiridas por pura especulação sobre o transcendente, mas em primero lugar os acontecimentos que marcaram o nascimento de Israel como povo e revelaram Deus como o Deus da história, agindo na história.[109]

Assim encontramos a descoberta de um Deus que se dar em tensão entre Javé e os outros deuses, profetas e reis, profetas e religião oficial, isto é, do êxodo até o pós-exílio. A começar do êxodo o Deus libertador de Moisés, que elege um povo, um Deus que caminha com o hebreos; o Deus dos "exércitos e rei", Josué e Monarquia que conquista uma terra e estabelece um reino; no exílio: Deus Santo, Justo, Único, Criador do céu e da terra dos profetas e patriarcas. As imagens de Deus no pós-exílio, que não será objeto de aprofundamento, se apresenta em duas correntes: o Deus da religião oficial formalista e das correntes sapiencial e apocalípticas.[110] Estes atributos como vemos evoluíram na história evocando a eventos relacionados com a realidade vivida pelo povo em diferentes situações até chegar ao credo definitivo do Shemá[111]. Neste caminho de descoberta podemos encontrar elementos inovadores relacionados com os mitos e deuses dos povos do oriente. O Deus conhecido e cultuado entre outros deuses cananeos que havia perdido sua importância. Neste sentido Torres Queiroga diz que:

> Partícipe do amplo mundo cultural e religioso do Antigo Oriente, em contínuo intercâmbio com ele – dando e recebendo -, Israel conseguiu acolher a Deus num caminho próprio e original. Mostrou uma sensibilidade sem precedentes, para captar a presença divina em seu caráter pessoal e histórico.[112]

No judaísmo encontramos na Bíblia hebréia diferentes tradições (Javista , Eloísta etc) que usam vários antropomorfismos para se referir a Deus. O verdadeiro nome de Deus é um mistério e a Talmude diz deve-se ocultá-lo. Em todas as épocas, os judeus evitaram pronunciar e até mesmo escrever o nome usando o tetragrama na Bíblia (JHWH) e não pronunciando-o durante as celebrações. O verdadeiro nome é o "Nome Inefável" que se traduz pelos judeus por *Adonai* (Senhor). Este nome era pronunciado apenas na festa da reconciliação dez vezes pelo Sumo Sacerdote no Templo de Jerusalém.[113]

“Deus é um mistério, mas o mistério não é Deus”[114]. Porque Ele é um revelador de mistério. O seu poder não é arbitrário, pois o que é eternamente misterioso a nossos olhos, é eternamente significativo visto aos olhos de Deus. A natureza está sujeita a sua vontade, e o ser humano a quem foi dado compartilhar da sua sabedoria é chamado à vida responsável a ser co-partcipante na redenção do mundo revelando o seu amor e compaixão para com os que sofrem e são oprimido.[115]

Agora vejamos apenas de forma sintética três atributos de Deus que se destacam na história do judaísmo: Libertador, Santo e Único.

## 1.1- Deus libertador

“Eu vi, vi a opressão de meu povo no Egito e ouvi-o clamar sob os golpes dos chefes de corvéia. Sim eu conheço o seu sofrimento”(Ex 3,7). A importância do acontecimento da libertação do Egito é a experiência fundante do povo de Israel da qual se faz memória[116]. Na experiência do Deus libertador do judaísmo encontramos os elementos estruturais centrais de eventos que marcaram a sua fé: êxodo, eleição, aliança e lei para que seja vivida na prática na terra da promessa.[117] Onde o sujeito da aliança é percebido como o libertador do seu povo (*goel*). Contudo, é o Dêutero-Isaías que atribui a expressão de *goel* do seu povo a Javé: “não temas, verme de Jacó,(...) teu *goel* é o Santo de Israel” (Is. 41,14).[118]

Deus se designa pelos seus atos em benefício da criação se comprometendo com os pobres, escravos, os humildes assim encontramos no cântico de Ana (1Sm 2,1-10).[119]Na intervenção salvadora de Javé Israel encontrou o seu Deus. Este encontro se dá entre “pessoas”. Assim Javé se revela um Deus pessoal vivo e não anônimo, impessoal da natureza, mas que intervém na história manifestando misericórdia para com o ser humano, e ao qual o ser humano pode se dirigir com fé e confiança. A relação com este Deus pessoal abre a porta para a representação de Deus com traços humanos (antropomorfismos).[120]

## 1.2- Deus Santo

Santo é um dos atributos mais comum, que se encontra em textos de todas as épocas e em todos os gêneros literários. A raíz *qdsh* em seu sentido original dar a idéia de separação, transcendência. Porém no uso veterotestamentário esta idéia se associa a imanência, proximidade. Dá-se assim uma fusão sem precedentes na literatura religiosa: o supremamente distante é o supremamente próximo, *goel*.[121] Os antropomorfismos foram muito usados pelos profetas, contudo o Deus Santo é uma reação contrária que busca preservar Javé de todos os limites do ser humano. Neste sentido há vários textos: "Deus não é homem..."(Nm 23,19a); "eu sou Deus e não um homem eu sou santo no meio de ti"(Os 11, 9c) e "Salvas os homens e os animais, Javé (...), pois a fonte da vida está em ti" (Sl 36,7.10; cf. Dt 30,9s; Jr 2,13; 17,13; 2Rs 5,1).[122]

Assim aquele que possui a vida não pode estar vinculado pelos limites característicos do ser humano. Elias que zomba dos profetas de Baal com a convicção de que Javé é perfeito (2Rs 18,27; Sl 121,4); diante dele o homem não pode ser justo (Jó 4,17; 9,2). Estas negações apontam para um dos atributos mais enfatizados: Deus é "Santo". A santidade de Deus não é uma qualidade divina entre as demais, senão que expressa a essência de Deus: "Quem é igual a ti, ilustre em santidade?" (Ex 15,11b). Frente a presença de Deus Abraão sentiu "pavor" (Gn 15,12); Jó sente temor e não sabe o que dizer (Jó 40,3-5); Elias cobre o rosto (1Rs 19,13); Isaías sente-se perdido (Is 6,5); Moisés não pode ver a face de Deus (Ex 33,20s).[123]

Por outro lado Israel é chamado a ser santo como Deus (Lv 11,44; 19,2) sendo fiel e observando os mandamentos. Israel não é santo só por ter sido escolhido e elegido por Javé, mas deve ser santo interiormente, segundo o exemplo do seu Deus: não oprime o próximo, não comete injustiça, evita o engano, é misericordioso para com os fracos e os pobres (cf. Lv 19, 3.11s).[124] Abraham Heschel confirma que o ser santo implica em agir como Javé:

> Não foi dito: Vós estareis cheios de temor, porque eu sou santo, mas: Santo sereis, porque eu o Senhor vosso Deus sou Santo (Lv 19,2). Como um ser humano, "pó e cinza", tornar-se-ia santo? Cumprindo seus *mitsvot*, seus mandamentos, "O Deus santo é

santificado em justiça” (Is 5,16).[125]

## 1.3- Deus Único da aliança

O atributo de Deus como Único não era desconhecida entre os povos semítas. Originalmente na religião do povo cananeo o deus mais importante foi El (da mesma raíz semítica deriva *Elohím* no hebraico, *Allah* árabe), deus criador todo poderoso que governava o universo das montanhas do norte de Canaã. O deus Baal invadiu Canaã vencendo El e ficando com sua esposa Asherah. Quando os israelitas invadiram Canaã surgiu um novo conflito entre Baal e Javé, o qual saiu vitorioso. Comparando a fundo Javé e El mostra que há muitas semelhanças, em contraste com os outros deuses locais, da qual resulta que Javé foi uma nova revelação a Israel do deus criador semítico El.[126]

A fé em um só Deus em Israel nasceu sobre as bases não de uma reflexão teórica, mas de um comportamento prático: inicialmente como um monoteísmo prático (veneração e adoração, monolatria). Durante muito tempo Israel superou com naturalidade a existência de outros deuses e entendendo o primeiro mandamento “não terás nenhum outro Deus junto a mim”. Israel percorreu um longo caminho, do êxodo ao exílio (século XII até VII AEC), para chegar a afirmação: Javé é Deus e Único.[127] De modo que vários biblistas e teólogos concordam com a seguinte opinião de W. Eichrdot que diz:

> À opinião não refletida sobre a existência de muitos deuses corresponde o fato de nos escritos mais antigos não encontrarmos em parte alguma expresso explicitamente o pensamento monoteísta. Apenas o sétimo século conhece a fórmula monoteísta sobre Javé o verdadeiro Deus acima de todos os reinos da terra, o Deus único em cujo os outros deuses nada são.[128]

No mesmo sentido que Eichrodt, Karen Armstrong diz que a idéia da aliança nos recorda que os israelitas não eram ainda monoteístas, porque a aliança só tinha sentido numa situação politeístas e que é muito difícil encontrar uma afirmação monoteísta em todo o Pentateuco.[129] Na verdade a idéia do Deus único se desenvolve no meio profético

começando por Elias (IX AEC), Isaías, Jeremias culminando com a confissão do Dêutero-Isaías (VII AEC) que proclama do cativeiro babilônico ao Deus Único, Javé como salvação de todos os povos. A partir daí Israel não proclama só um monoteísmo prático, mais também doutrinal. Assim desde o cativeiro até os nosso dias o povo judeu confessa sua fé no Shemá: "Escuta Israel, Javé é nosso Deus, Javé é uno".[130] O processo de impressionante fidelidade e criatividade religiosa de Israel que se eleva de um plano de politeísmo e hierogamia sacral a visão de um Deus Único, transcendente e supra-sexual é uma grande novidade, pois a concepção materna de Deus foi apagada da Bíblia hebréia como reação as cultos politeístas.[131]

O conhecimento de Javé como único tem importantes consequências para Israel: se é uno Ele é o senhor de tudo; porque é único Ele esta voltado unicamente para seu povo, humanidade, criação; porque é único não tem esposa e o povo de Israel é a sua esposa; porque é único tudo é obra de sua criação, senhor da história. Sinteticamente não há deuses secundários e rival de Javé, Deus é transcendente ao mundo, ao sexo e as polaridades.[132] Destas consequências o Dêutero-Isaías chega ao universalismo claro e coerente: todos os povos reconhecerão a Javé como Deus, e a Israel é confiado um papel em relação aos povos: levar aos confins da terra o conhecimento e a salvação de Javé.[133]Assim Israel ver o Deus Único em sua transcendência como distante e próximo, porque Ele não se deixa ver ou tocar, mas fala; não se encontra nas coisas do mundo, mas se revela pela palavra no caminho da história. Assim sua distância se transforma em proximidade, pois fala e fala desde a sua transcendência.[134]

Dentro do âmbito das consequências do Deus Uno e Único Hans Küng destaca dois aspectos importantes:  primeiro que a fé de Abraão num Deus Único testemunhada pela Bíblia hebréia e o Alcorão pode constituir uma base para começar uma nova época de paz no Oriente Médio; em segundo que esta fé de Abraão no Deus único destrona os deuses antigos e modernos e proíbe a divinização das forças da natureza, dos poderes políticos e de quem os ostenta.[135]

As experiências de fé revelada do judaísmo no Deus Javé destacados aqui como libertador, Santo e Único apresentam riscos e limites, pois também "pode[m] ser objeto

de manipulação e de abusos".[136] Existe riscos de interpretações deturpadas e apropriação limitada de um conceito isolado em um dado momento histórico desligado de seu conjunto. Pois como podemos observar que "a crença no Deus uno se vio -e é- acompanhado com freqüência pelo fanatismo e a intolerância."[137] Assim como o Deus Libertador também se tornou o Deus guerreiro para conquistar uma terra e dos reis. Este é um risco também para o Islam que tem uma experiência de fé na história semelhante ao judaísmo e por outro lado bem particular. Assim vejamos os atributos de Deus na história do Islam.

## 2 - Atributos de Deus no islamismo

Para falar dos atributos de Deus no Islam só é possível a partir do Alcorão, a "Palavra Eterna de Deus que contém a revelação final ao homem".[138] Tendo presente a história e o contexto da Arábia pré-islâmica dispersa e em conflito contínuo entre as tribos que passavam por mudanças econômicas, sociais, culturais, religiosas e políticas. Muhammad percebeu os riscos e perigos que tal realidade poderia desencadear para a sobrevivência das tribos árabes e sobretudo para as mais pobres. Na Arábia dominava duas tendências religiosas: uma politeísta e outra monoteísta.[139] Assim ele conseguiu proporcionar aos árabes uma espiritualidade que se adaptava as suas tradições.

No seguintes pontos sobre Deus no Islam veremos desde o Alcorão o Deus da religião autêntica de Abraão, Allah já conhecido no pantéon de Meca; os grandes temas teológicos como o Deus Criador, Compassivo e Misericordioso e por fim o Deus Uno e Único. De modo que não entrarei nas controvérsias teológicas sobre a revelação de Deus, o encontro com a filosofia e sua evolução histórica. Contudo, vale destacar que há pelo menos três pontos de vista: Allah no Alcorão; as controversias teológicas das correntes islâmicas; e as dos místicos, os sufis.[140]

### 2.1- Allah: o Deus da religião autêntica de Abraão

Muhammad, como muitos de sua época, tinha duas crenças: que Allah, o antigo Deus Supremo e Criador no pantéon árabe, era o mesmo Deus adorado pelos judeus e cristãos; e que só um profeta deste Deus poderia trazer uma solução. Porém, havia um descontentamento com Allah porque ainda não tinha dado um profeta e uma escritura.[141]Neste momento Muhammad não pensava ser o profeta e que havia diferenças com o Deus do judeus e cristão, pois se identificava com a religião de Abraão e sua fé no Deus Uno.

Há informes históricos e lendas que falam que alguns árabes da Síria no século V da E.C. haviam descoberto a autêntica religião de Abraão que não era nem judeu e nem cristão. E em Meca se tinha conhecimento de quatro *qurayshitas (*membros da tribo do profeta) que saíram em busca da verdadeira religião de Abraão, conhecidos por *hanif*. Três deles, os primeiros muçulmanos conheceram, e um deles era primo de Muhammad. Assim ao iniciar suas pregações pensava que estava apresentando a antiga religião dos *qurayshitas*. Porque não precisava demonstrar a existência de Deus, já que todos eles, de modo implícito, acreditavam em Allah o Deus Criador do céu e da terra e que muitos acreditavam que era o Deus adorado pelos judeus e cristãos. De forma que logo no início os *qurayshitas* não se deram conta das implicações da pregação de Muhammad quanto a dependência absoluta e submissão ao Deus Criador do universo devendo renunciar sua auto-suficiência e ser misericordioso dando um novo sentido para as suas práticas antigas.[142] Na verdade a pregação corânica converteu a vaga noção de supremacia e divindade na afirmação do Único Deus, Vivente e Louvado.[143]

Conforme a tradição islâmica a sura 96 foi a primeira revelada ao profeta onde aparece o nome de Allah como Criador e consequentemente Senhor.[144]

### 2.2- Allah: o Deus Criador

O Deus Criador de todas as coisas deu origem a toda existência por meio de ordens. As suras mais antigas proclamam a soberania ilimitada de Deus sobre a criação destacando seus atributos como Senhor, Rei e Juiz Soberana. A primeira experiência dos

crentes é a de transcendência que conduz ao descobrimento de Deus como criador sentindo-se como parte e resultado da ação divina.[145]

Assim surge a idéia de Deus Senhor onde o ser humano é um servo. O Alcorão ressalta que o crente prostrado ante Allah é capaz de reconhecer os seus signos na natureza que manifesta seu poder, sua sabedoria, sua bondade e sobretudo sua unicidade.[146] A proclamação da unicidade e unidade de Allah apresenta o monoteísmo, nas suras de Medina, a partir da consideração do Deus Criador, soberano sobre toda criação e seus desígnios para as criaturas.[147] Allah é absoluto, criou a partir do nada assim diz Sheikh Tosun B. al-J. Al-Halveti:

> El es el Poseedor del universo, de la totalidad de la creación – el Regidor absoluto. Allah es el Gobernante único del universo entero, visible e invisible, de toda la creación, desde antes del comienzo y después del fin. No hay ninguno como El porque El es el Creador de Su reino, el cual El creó desde la nada.[148]

## 2.3- Allah: o Clemente, o Misericordioso

Os nomes de Allah o Clemente, o Misericordioso são um reconhecimento do crente que exalta a onipotência divina. Estes nomes são os mais invocados e na época do profeta eram uma novidade. No Alcorão apenas uma sura, a nove sobre o arrependimento, não se introduz com esta invocação do "Deus Clemente e Misericordioso".[149] Assim se introduz no mundo árabe com o Islam o *ethos* misericórdia, que era um distintivo das religiões mais avançadas: fraternidade e justiça social eram seus valores principais.[150]

O Alcorão explica o conceito de misericórdia de Allah como benevolência e doçura. A misericordia foi enraizada no ser humano por Allah, enquanto que a benevolência é própria do agir de Deus em favor de seus servos. Allah é clemente com todos os seres humanos, crente ou não, e misericordioso só com os crentes. A misericórdia de Allah é o vínculo e mediação entre o Senhor Deus e o ser humano, seu servo.[151]

## 2.4- Allah é Uno e Único

O atributo particular de Deus no Islam é Uno e Único (em árabe, *tawhid*) como reação ao politeísmo vigente entre os árabes: "Não há mais Deus que Allah e Muhammad é seu profeta" (sura 7,157). Esta pregação condena as práticas de Meca onde as genealogias divinas atribuíam a Deus filhas e filhos. A revelação de Deus ao profeta proclama: "Tu Deus é Uno". Esta é a *sahada* (profissão de fé) islâmica: Allah é Uno, Deus, o Eterno. Não há sido gerado, nem gerou. Não tem igual.[152] Este é também o primeiro pilar da lei islâmica.[153] O único que não é prático como os outros quatro, mais que implica a total submissão a Allah abrindo assim as portas para os outros pilares.

No pensamento sufi a Allah aparece como:

> Para el sufí, Dios es el Ser Absoluto y, la creación, con todo lo existente en ella, Sus determinaciones y manifestaciones. Los sufíes dicen: "La existencia entera existe gracias al Ser de Dios, todo lo existente es el reflejo de Su Existencia, sin Él, todo se reduce a nada." (...) .Los sufíes no consideran a la creación separada del Ser de Dios. (...). "En toda la Creación no hay sino un único Ser Absoluto y todo lo existente existe gracias a Su Ser", ha sido llamada "la filosofía de la Unidad del Ser" (Wahdat-e Woŷd).[154]

Um fato curioso é que esta profissão de fé muçulmana é semelhante a dos samaritanos que acusavam os judeus de terem falsificado as escrituras a qual diz: "Não há outra divindade se não o Único". A Bíblia samaritana começa, como o Alcorão, com a palavra "em nome de Deus" e uma oração (*fátiha*) com que começa o Alcorão.[155]

Todo muçulmano deve reafirmar a cada dia a unicidade de Allah em seu íntimo ou na oração. Entre os atributos de Deus a unicidade e simplicidade são os mais importantes. É interessante observar que no Alcorão, Allah assume todos os atributos das divindades anteriores menores da religião pré-islâmica.[156] A unicidade de Deus é a base da moral islâmica.[157] Ao dizer que Deus era Uno implicava num chamado a unidade e guia da vida individual e social.[158] Na tradição e mística os atributos de Deus reconhecidos oficialmente no Alcorão como 99 é a prática mais popular de oração.

Segundo um *hadiz* (ditos do profeta) não identificado podem chegar a quatro mil os atributos de Deus.[159] Neste assunto podemos encontrar distintas informações que se completam como: Allah possui três mil nomes: mil os revelou a seu anjos; mil a seus profetas; trezentos estão nos Salmos de Davi (Zahur); trezentos se encontram na Torá; trezentos estão nos Evangelios; noventa e nove estão no Alcorão Corán; e Uno, o nome de sua essência, Ele o há mantido para si mesmo o qual está oculto no Alcorão.[160]

Tendo visto os atributos de Deus no judaísmo e islamismo agora quais relações podemos encontrar? Vejamos no seguinte ponto.

## 3 – Relação: Deus no judaísmo e islamismo

Podemos perceber que há vários atributos de Deus no Islam e judaísmo que são bem semelhantes e outros distintos. Vejamos estas relações rapidamente, porém destacarei no próximo ponto o Deus Criador como fonte de graça que é uma ponte prática para o diálogo e convivência de paz transformadora. Nesta relação é interessante "considerar atentamente a história de Deus para aprender dela algumas lições e tomar nota de algumas advertências"[161]. Vejamos portanto as relações de semelhança e diferenças entre Deus Judeu e do Islam como: Transcendente, Uno e Único, e por fim, o dos filósofos e místicos numa perspectiva histórica.

### 3.1- O Deus Transcendente

Judeus e muçulmanos manifestam que só vemos a Deus em suas atividades, pois seu ser inefável resulta acessível para nosso conhecimento limitado. As controvérsias e especulações teológicas não despertam tanto o interesse de judeus e muçulmanos. Pois tanto para judeus como para os muçulmanos a experiência de Deus é prática: Libertador, Criador, Misericordioso, Eterno, Senhor, Juiz.[162]

No Islam, igual que o judaísmo, o Deus Transcendente também é imanente que se encontra aqui abaixo no Alcorão, de modo que para os muçulmanos ao tocar e recitá-lo é

como se ouvisse o Deus invisível e o toca-se.[163] O Deus Transcendente é confessado por judeus e muçulmanos de modo absoluto, porém não pode confundir-se nunca com um modo que Ele assume para revelar-se. Por isso seus dez nomes na Cábala ou suas manifestações incontáveis no sufismo muçulmano valem sempre para resguardar sua transcendência e colocá-lo acima dos seres humanos. Sua revelação se dar na lei para judeus e o Alcorão para os muçulmanos. A presença escatológica, social da revelação de Deus constitui: para os judeus, a lei de Deus expressa na emergência do povo israelita como mediador da promessa escatológica e para o Islam se concretiza na *ummah* (comunidade de crentes) que são fiéis a Deus sobre a terra.[164]

Agora é bem distinta a relação do crente com Deus. No alcorão Allah é um Deus mais impessoal já Javé é um Deus mais pessoal aparecendo em vários antropomorfismos.[165]

## 3.2- O Deus Uno e Único

Para Israel chegar ao conceito do Deus Único foi necessário quase oitocentos anos para romper com suas práticas antigas e aceitar o monoteísmo, enquanto que Muhammad foi capaz de ajudar os árabes a realizar esta transição em apenas vinte e três anos.[166] O monoteísmo histórico no judaísmo e islamismo não foi místico, mas essencialmente prático, pois o que importava era fazer a vontade de Deus na terra como no céu.[167]

O Alcorão desprecia as divindades pagãos quase igual as Tanak: esses deuses são completamente ineficientes.[168] Para o Islam o mais grave pecado é a idolatria (*shirk*), isto é, associar a outros deuses com Allah.[169] Sendo assim é proibido fazer imagens de Allah de modo semelhante é proibido para judeus fazer imagens de Deus e usar o nome de Deus em vão o qual o profetas procuram guardar na fidelidade a sua aliança na história.

É interessante que o judaísmo e islamismo são classificadas como religiões monoteístas sugerindo de certo modo que este conceito realmente explica alguma coisa. Na verdade o conceito de monoteísmo diz muito pouco e é por demais limitado.[170] Isto é

questionado por vários autores já que as interpretações são bem distintas no judaísmo, islamismo e cristianismo. Os muçulmanos contestam a classificação de religião monoteísta para o Islam: apontado para o universalismo do fenômeno profético no mundo e o monoteísmo no Islam não é resultado da evolução histórica do judeu. Contudo não negam a classificação do Islam como uma das "tres religiões monoteístas" ao se referir a Abraão como referência, por considerar que dita classificação atenta contra o sentido da universalidade contido no Alcorão e Sunnah.[171] Jürgen Moltmann, teólogo alemão, diz que o conceito de monoteísmo é equívoco porque necessita ser bem explicado. Se o conceito necessita de mais explicação do que pode dar, não é que seja inútil, mais pode se fazer inútil ou supérfluo.[172] Desde uma perspectiva da história das religiões encontramos distintos monoteísmos: primitivo da religião de domínio e do patriarcado; o da aliança de Israel; cristão trinitário; e do Deus puro do Islam. Os judeus nascem da experiência do êxodo. Aí Deus faz uma aliança na liberdade e compromisso com o decálogo. Já o monoteísmo islâmico esta na linha do primitivo onde a relação do ser humano com Deus se dar em obediência ao poder absoluto de Deus.

### 3.3- Deus dos filósofos e místicos

Durante o século IX os muçulmanos entraram em contato como o mundo das ciências e a filosofia grega o que produziu uma mescla de renascimento e ilustração[173] de modo que desenvolveram métodos de teologia (*Kalam*) e filosofia (*falsafab*) islâmica. Este movimento inspirou os intelectuais judeus em que, diferente dos muçulmanos, se concentraram nas questões religiosas procurando responder quatro questões levantadas pelos muçulmanos: como acomodar o Deus personalista da Bíblia ao da filosofia; o problema das imagens antropomórficas de Deus na bíblia e na Talmude; o problema da criação do mundo e a relação entre revelação e razão. Eles chegaram a conclusões diferentes dos muçulmanos, porém eram dependentes dos pensadores muçulmanos.[174]

Entre os teólogos racionalistas islâmicos se destacou Averroes (1126-1198) e no mundo judeu o seu discípulo Maiômedes (1135-12004). Estes criaram credos quase

idênticos que aproximava racionalidade e religião. Mantendo Deus como incompreensível e inacessível pela razão humana. Ambos nunca foram totalmente aceitos pela ortodoxia.[175] O Deus dos filósofos foi dominado pelo Deus dos místicos sufis na maior parte do império islâmico. Entre os judeus no século XVI EC prevaleceu os místicos judeus cabalistas.[176]

Durante os séculos XIX e XX os muçulmanos e judeus tentaram olhar o passado para buscar idéias de Deus que se adaptassem ao presente. Abu al-Kalam Azad (+1959) voltou ao Alcorão trabalhando a sua linguagem simbólica para encontrar um modo de ver a Deus não tão transcendente que se fizera nada, e tão pessoal que se converterá em um ídolo.[177] Para Martin Buber (1878-1965) a religião consiste totalmente num encontro com o Deus pessoal que quase sempre tinha lugar no encontro como outros seres humanos (Eu-Tu)[178]. Se baseava na Tanak e nos *jasidim*.[179] Guzmán diz que há algo semelhante no Islam: "entre todas as seitas e escolas muçulmanas de pensamento, o sufismo era o único que usava uma base de relação 'eu-tu', baseada no amor". Neste sentido temos a grande mística Rabia (+801) e Al-Bistami (+874) o maior sufi do islam. Estes desenvolveram a idéia da triple condição do ser: eu, tu, Ele.[180] Já o rabino Abraham Joshua Heschel (1907-1972) volta ao espírito dos rabinos e da Talmude. Diferente de Buber, para ele a fé em Deus brotava de uma percepção imediata que não tinha nada a ver com conceitos e racionalidade. A Tanak tinha que ser interpretada metaforicamente se quisermos compreender o sentido do sagrado, e os *mitzvot* (mandamentos) deviam ser considerados como gestos simbólicos que capacitam para viver na presença de Deus.[181]

Para os tempos atuais segundo Armstrong parece que o Deus dos místicos é uma alternativa possível, pois pode satisfazer as feministas, já que o sufis como os cabalistas introduziram elementos femininos no divino. Porém, há também desvantagens: com o fracasso de nomes judeus e dos sufis modernos se olha com receio os místicos. Mas é possível adotar algumas atitudes místicas como saída. Agora se queremos criar uma religião com vigor para o século XXI talvez tenhamos que considerar atentamente a história de Deus para aprender dela algumas lições e tomar nota de algumas

advertências.[182]

Neste sentido vários autores estão de acordo destacando o papel da teologia da libertação, unindo profetismo e mística e em especial a feminista como caminho de diálogo e responsabilidade pela criação.[183]

Entre todas as semelhanças de Deus no Judaísmo e no Islam o que mais se aproxima é o Deus Criador. E ambas as religiões vêem o ser humano como representante de Deus na terra ao qual devem servir fazendo o bem na prática da justiça e paz.

## 4 - Deus Criador: criação e graça

A imagem de Deus Criador é uma ponte entre judeus e muçulmanos, já que a criação é sinal da presença de Deus, graça para humanidade que responde no compromisso de cuidar e zelar da criação. A criação é um tema de meditação no Alcorão e na Tanak fundamental para a fé de judeus e muçulmanos. Então aqui a partir do Deus Criador, fonte de graça, busco um caminho prático que se manifesta na colaboração e cooperação entre judeus e muçulmanos na construção de estruturas que favoreçam a convivência em paz na Palestina. Tendo presente que estas religiões são práticas na expressão de sua fé. Assim vejamos o tema da criação no Alcorão e Torá e as noções de graça em cada religião como manifestação da infinita misericórdia de Deus.

### 4.1- Graça a partir dos textos da criação

Será que há uma reflexão bíblica-teológica que ilumine e favoreça o diálogo entre muçulmanos e judeus? Estarei me referindo aos dois textos da criação do Gênesis não os citados explicitamente, pois o acesso a estes é mais fácil do que o Alcorão.

#### *4.1.1- Criação no Alcorão e Torá*

Na Torá encontramos no livro do Gênesis duas narrações da criação: Gn 1, 1-2, 4a de tradição sacerdotal datada de 500 AEC e o segundo 2, 1.7-3,24 Javista e Eloísta de 900 AEC. Ambos enfocam que no princípio do mundo está Deus e que o mundo e o ser

humano devem sua existência só a Deus. Os textos são um testemunho de fé que destacam: Deus é a origem de tudo e para todos; não está em conflito com um princípio demoníaco; o mundo em sua totalidade e em cada um das suas partes é bom; e que o ser humano constitui a meta da criação e que Deus adota uma atitude de benevolência diante do mundo e do ser humano.[184]

A tradição Javista e Eloísta em muitos aspectos compartilha aspectos religiosos da criação dos povos vizinhos com elementos inovadores. Agora em Israel só surge um interesse maior pelo tema da criação no tempo do exílio com a tradição sacerdotal que destaca a ação criadora do Deus Único num contexto pagão onde praticamente nasce o judaísmo.[185] A fé no Deus Criador era um tema que estava relacionado com a aliança que se pode encontrar em vários textos antigos como: Dt 26,5-10; Js 10,5-13;Jz 4-5; Ex 15,1-8. Contudo está fé era implícita e se torna explícita com os profetas do exílio: Amós, Jeremias e sobretudo o Dêutero-Isaías. Como se vê a fé na criação é tardia.[186]

No Alcorão o universo foi criado por Deus, e traz seu aniquilamento no fim do mundo, voltará a ser criado novamente para o dia da ressurreição. Nisto estão de acordos judeus e muçulmanos. No Alcorão e Torá encontramos a criação do mundo narrada em termos poéticos, isto é num sentido mais alusivo que descritivo. O alcorão apresenta a criação em seis dias (há sete sura: 7,54; 10,3) e a de Adão, a quem Deus modela do barro e infunde o seu espírito (15,29; 33,9). Discordam dos judeus no fato de que Deus não descanso no sétimo dia, pois ele não se cansa. Um *hadiz* muito citado pelos sufis assegura que "Deus há criado ao homem a sua imagem". A criação, as criaturas e, ante tudo, o homem são signos primordiais da existência e unicidade de Deus. O ato criador (*jaliq*) é próprio de Deus e o distingue radicalmente de todas as criaturas, inclusive os anjos.[187]

Os relatos da ação criadora de Deus no Gênesis têm vários pontos comuns com o Alcorão. Agora no Alcorão não encontramos uma narração contínua, em seis dias, porém algumas passagens a confirmam. A cosmogônia corânica é praticamente a mesma do Gênesis. O ser humano é o centro da criação tendo de expressar seu reconhecimento a Deus. É muito interessante as semelhanças com Gênesis: é Deus que cria tudo que há na terra e os sete céus (sura 2,228); Allah informa aos anjos a criação do homem (sura 2,229) e logo cria Adão (em árabe, *sayyedina*) do barro dando seu espírito e um pouco de

seu conhecimento (sura 17,85).[188] Os fiéis devem saber que os filhos de Adão são os mais nobres e agraciados da criação (sura 17,70; 95,4).[189] Allah ensina todos os nomes das criaturas e também os seus nomes e atributos que os anjos não sabiam (sura 7,10-11) o que é diferente no Gênesis.[190]

Sura 2,28-30.33-35:

> 28 Recorda o que disse o Senhor aos anjos: "Porei na terra um vicario". Disseram: "Porás nela a quem estenderá a corrupção e derrame o sangue, enquanto nós cantamos teu louvor santificamos? Respondeu: "Eu sei o que não sabeis".
> 29E instruiu a Adão em todos os nomes dos seres. Logo os apresentou aos anjos, e disse: "Informa-lhe o nome dos seres se sois verdadeiros".
> 30 Disseram: "Tu sejas louvado! Carecemos de ciência, exceto a que nos ensinastes Tu, Tu eres Onisciente, o Sábio".
> 33 Dissemos: "Adão habita tu, com tua mulher, o Paraíso. Come onde os desejar, porém não se aproxime desta árvore, pois serias impuro".
> 34 Satanás os fez pecar por causa desta árvore e Deus os expulsou e tirou o usufruto daquilo que tinha o paraíso. Os disse: "Descendo do paraíso: unos aos outro sois um inimigo. Tereis na terra morada e gozo temporal."
> 35 Adão recebeu de seu Senhor as palavras de plegaria e se arrependeu. Certamente. Ele é o Redimiu, o Misericordioso.

A criação de Adão aparece na sura 15,26-29:

> 26 Tendo criado o homem de barro , de argila modelável.
> 27 Antes, do fogo ardente, havíamos criado os gênios.
> 28 Recordo quando disse tu Senhor aos anjos: "Estou criando um ser humano a partir do barro dar argila modelável;
> 29 quando o havia concluídos insuflarei nele parte do meu espírito. Caindo prostrado ante ele." [191]

Allah pede que os anjos Jins e Iblis se ajoelhe diante do homem. Iblis (*shaytan*-satanás) desobedece tornando-se aquele que viveria tentando desviar a humanidade do caminho de Allah (7,12-17; 15,39-40). Allah cria Eva (*Hawwah*) da costela de Adão. Esta sura não é clara, porém nos hadiz do profeta se explica. A princípio os dois viveram no jardim em paz, eram livres para desfrutar de suas frutas exceto da árvore dos injustos (2,34). Allah adverte Adão para ter cuidado com Iblis, seu inimigo. Pois, ele poderia tirá-lo do jardim e aí sentiria fome, veria sua nudez e sentiria sede e

calor (20,114-116). Porém, shaytan se aproximou apresentando-se como conselheiro, seduzindo e enganando Adão e Eva a provar a fruta da imortalidade e do poder infinito, que Allah havia proibido. Ambos comeram desobedecendo e logo começaram a se cobrir com folhas, pois estavam nus (20,117-118). Allah os chama e les recorda suas advertências (não comer da árvore e shaytan era inimigo). Diante de Allah eles pedem misericórdia do seu erro. Allah perdoa, porém diz que Adão, Eva e shaytan serão inimigos. Eles irão ter a terra por morada e desfrutaram por um tempo (7,19-24). Conforme Iftekhar Hussain, Allah teve misericórdia e deu a Adão e Eva uma escolha, e toda humanidade herdou esta opção deles: aquele que se negam a creer nos signos de Allah receberá o castigo do fogo para eternidade (2,36-38; 20,122-125; 7,25-26; 7,33-34). Shaytan continuará a tenta Adão e Eva até o último dia (38.76-83). Porém, sobre os servos de Allah shaytan não terá poder (17,63-65), tampouco sobre todas as pessoas (16:98-100).[192]

O texto que fala da caída de Adão e Eva e que repete alguns capítulos, mas dar novas informações. Vejamos o que há de novo no 7, 19-24:

> 19 Porém, Satanás os tentou, afim de mostra-les o que se ocultava de sua vergonha. Disse: "Vosso Senhor não os há proibido esta árvore, mas que por temor de que fostes anjos ou imortais."
> 20 E lhes jurou: "Eu sou um conselheiro para vocês."
> 21 Os conduziu ao engano. Quando comeram os frutos da árvore, se lhes manifestaram suas vergonhas e começaram a cobri-las com folhas das árvores do paraíso. Seu Senhor os gritou: "Não os proibi que se aproximassem daquela árvore e os disse "que satanás era para vocês um inimigo manifesto"?".
> 22 Responderam: "Senhor nós: temos sido injustos com nós mesmos, e si não nos perdoar nem nos tem misericordia, estaremos entre os perdidos."
> 24 Acrescentou: "Nela viveréis, e nela morrereis e dela sereis tirado."

Na Sura 14 de Abraão, Allah revelou qual seria o fim de shaytán e os que ele desviou no último dia: shaytan não pode salvar a outros e nem a si mesmo porque é injusto e não agem retamente, por isso terá um castigo doloroso. Agora os fiéis que praticam o bem serão introduzidos nos jardins onde correm rios e serão imortais com a permissão de Allah. Nos jardins sua saudação será: paz (14,23-25).[193]

Segundo Iftekhar B. Hussain a desobidiência de Adão e Eva da início a história da humanidade e leva ao conhecimento de Allah:

> Es claro que si no hubiera sido por el orgullo y engaño de shaytan, y la debilidad y curiosidad de sayyedina Adam y Hawwah, el inicio de la historia de la humanidad sobre la tierra no hubiera iniciado. Si no fuera por la expulsión de shaytan y sayyedina Adam y Hawah del Jardín, la creación no se hubiera manifestado en la manera que lo ha hecho. Pero era inevitable que sucediera así, porque como Al-lâh dijo en la lengua del Profeta Muhammad, que Al-lâh lo bendiga y que le de paz, en un hadith qudsi, "Yo (Al-lâh) era un tesoro escondido, y quería ser conocido, entonces creé al universo esto para que se Me conociera."Si no fuera por la creación, el Creador no hubiera sido conocido. El propósito en la vida de la humanidad es el buscar conocimiento de Al-lâh, y por medio de este conocimiento adorarlo a Él con entendimiento: Y no he creado a los genios y a los hombres sino para que Me adoren (51,56).[194]

O texto de Gênesis é diferente do Alcorão. Há bem mais detalhes e diálogo no Gênesis. Ao colocar em paralelo os textos da criação do judaísmo e islamismo podemos descobrir o caminho da graça de Deus que se manifestou ao mundo. Destaco as seguintes imagens comuns: jardim-paraíso, criação do seres humanos e os distintos diálogos.

É um jardim-paraíso que nasce no meio do deserto irrigado por rios. Para o qual voltaram se permanecerem fiéis a Deus praticando o bem até o dia julgamento final. Parece estranho que do meio de uma realidade tão seca e dura possa brotar um jardim. E isto é possível? Claro que sim, pela força transformadora da Palavra e graça de Deus. E como não pensar nesta mesma graça agindo em meio a realidade de conflito e dura luta para que haja paz e diálogo entre judeus e muçulmanos?

A criação do homem e mulher: o jardim-paraíso estava pronto e o Senhor criou o homem do barro. Depois de pronto deu-lhe o sopro da vida-espírito. Criando-o a sua imagem e semelhança, idéia esta aceita pelos sufis muçulmanos. Deus o coloca no jardim-paraíso para cultivá-lo e guardá-lo. Tanto no Gênesis como no Alcorão a mulher é criada da costela de Adão. O homem feito do barro implica que tem uma relação muito íntima com toda a natureza que também é vida de sua vida e lhe dar condições de vida. Quanto a criação da mulher é interessante observar primeiro que não há participação do homem em sua criação. Ao criar a mulher da costela do homem implica em dizer que ela é um ser diferente do homem nem superior nem tampouco inferior mais companheira.

Tampouco que seja a mulher um ser de segunda categoria o coisa semelhante. Pelo contrário ambos são imagem e semelhança de Deus de formas diferentes mais unidas em um único espírito. [195]

No diálogo de Deus com o ser humano nos textos da criação podemos distinguir a existência de dois tipos de diálogo: o de Deus com o homem e a mulher, e da serpente e da mulher e homem. Entre o homem e Deus vemos que há um conhecimento mútuo, respeito, atenção e cuidado de Deus para com as necessidades do ser humano. Por outro lado aparece o "diálogo" da serpente (Santanás no Alcorão) com a mulher inicia com uma mentira. Revela assim já que não é um diálogo libertador e de graça, pois há a mentira e o desejo de dominar e enganar. Até o momento em que a mulher e homem comem da árvore do bem e do mal eles não percebem que estão nús, assim que comem logo vêem que estavam nús e procuram se cobrir. Desta forma o homem e a mulher começam um processo de humanização na liberdade e graça de Deus, pois Deus não os abandona. E vemos isto quando o homem escuta os passos de Deus no jardim ou os chama. E neste novo diálogo Deus diz ao ser humano que a sua decisão por não ter ouvido a Ele e ter dado ouvidos a serpente tem conseqüência para sua vida daí para frente.

## 4.2- Noções de graça no judaísmo e islamismo

Digo sem dúvida que o diálogo entre judeus e muçulmanos é um caminho de esperança em graça. Graça manifesta nos seus aspectos comuns e no próprio desejo dos crentes de manifestarem esta multiforme graça de Deus que se revelou e revela na relação de fé destes povos com seu Deus que anseiam por justiça, paz e dignidade. Vejamos portanto agora como judeus e muçulmanos vêem a manifestação da graça em seu meio.

### *4.2.1- A Graça no judaísmo*

A partir da perspectiva bíblica a palavra graça não aparece no hebraico enquanto vocábulo, mas no sentido em que entendemos há as palavra *hesed* e *emet.* Estas aparecem 243 vezes no Antigo Testamento. Entre elas 49 se refere ao âmbito interpessoal. *Hesed* é a bondade, o amor generoso e terno, misericórdia; *emet* é a

fidelidade e compromisso, a constância. Por outro lado existe muitas palavras que traduzem e indicam a sua versatilidade como: favor, benefício, graça, serviço, ajuda; misericórdia, clemência, bondade, benevolência, piedade, compaixão, lamento; carinho, afeto, amor; lealdade, fidelidade; pacto, acordo, convênio, trato, promessa, compromisso; agrado, gosto, amabilidade, simpatia, atrativo; complacência, atração. Isto visto a partir do evento fundante do povo de Israel, contexto de libertação e eleição. O povo judeu descobriu a bondade e libertação gratuita de Deus no êxodo, o povo crente projetou esse descobrimento sobre suas próprias origens (os patriarcas) até a origem e sentido do mesmo universo (criação).[196]

No relato introdutório do êxodo (Ex. 2,23-25; 3,7-10) fica claro que a libertação do povo foi pela misericórdia e poder de Javé, não por os méritos nem poder deles. Vemos desde o princípio que a graça de Deus é por essência graça libertadora. O Pentateuco, inclusive o Gênesis, foi escrito depois do êxodo e a luz do êxodo. Na tradição Javista, o relato do chamado de Abraão e Sara (Gn, 12,1-9), descreve o começo de sua história nacional como ato livre do amor gratuito de Deus. Com Abraão e Sara, Deus pactua sua graça para a bendição deles, e por meio deles a todos os povos (Gn. 12,1-9; 13,14-17; 15,1-21; 17,1-22). Na base do pacto está a eleição, não tanto para privilégio mais para serviço. Deus não amou a Israel porque era um povo mais numeroso, nem mais poderoso, nem mais piedoso. "Os amou porque os amou".[197]

É interessante observar que a Graça de Deus não começa com Abraão e Sara, tampouco com o êxodo. Começa com a criação do mundo. O Antigo Testamento descreve a fidelidade do universo como pacto fiel de Deus com sua criação. No que hoje nós chamamos de leis naturais, os hebreos viam a fidelidade de Javé a suas promessas. A vida mesma era vista como graça. É o Senhor quem "concede a graça de viver" (2Mc. 3, 33). Outra aspecto da teologia da criação é que a beleza é graça. A criação foi uma obra estética de um grande artista. Graça e beleza são conceitos afins. Encontramos assim um conceito de graça que é valioso para uma estética bíblica.[198]

Portanto, a eleição gratuita, a aliança imrrompe a misericórdia, onde emerge a vocação do homem a uma salvação que será dom divino e que compreende, de uma parte, o completo cancelamento do pecado e, de outra, o estabelecimento de uma íntima relação

interpessoal, tutelada por o *hesed-emet* divinos. Mesmo não sendo pronunciada como palavra, a graça na experiência do povo judeu foi revelada em sentido concreto e real.[199]

### *4.2.2- A graça no islamismo*

A língua árabe é próxima do hebraico e desta forma não há a palavra graça, mas temos palavras que traduzem o sentido. Este está bem relacionado com os atributos de Deus. Os muçulmanos sabem que tudo vem de Deus e se entregam por inteiro a sua providência. No Alcorão em todos as suras, menos uma, se introduz com a frase: "No nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso". Se manifesta assim a atitude dos crentes que reconhecem a graça como clemência e misericórdia. Além deste dois atributos de Deus há um lista de 99 que leio como graça, agir de Deus em favor do ser humano. Vejamos alguns: Deus de paz, Autor de toda segurança, Criador, O Doador, Que perdoa, Que abre caminho, Que alimenta, Que protege, Deus de justiça, Generoso, nobre, Deus de Carinho, Deus de verdade, Na origem de tudo, Delicado e beneficente, Dono da vida, Compassivo, Deus da vingança, Equitativo, Infinitamente Paciente etc.[200]

Outro sentido que aparece a expressão da graça é na oração. Pois como todas as boas ações, a oração contribui a purificar a quem a realiza e a obter o perdão dos pecados. Dá forças para que cada um cumpra com suas obrigações (Sura 2,42.45). Durante a oração ritual o fiel evoca a bondade de Deus; dando graças. A fórmula "Louvado seja Deus" é corrente para expressar a ação de graças. Na vida cotidiana se empenha o árabe para dizer: "Graças". O fiel reconhece o senhorio de Deus, evoca o juízo final e pede a Deus que o guie na oração principal do Islam[201]:

> Louvor a Deus, Senhor do mundo. O Clemente, o Misericordioso. Rei do dia de juízo. A ti adoramos e a ti pedimos ajuda. Conduz-nos ao caminho reto, caminho daqueles a quem tens favorecido, que não são objetos de teu enojo e não são os extraviados. (Sura 1, 1-7)

Encontramos na piedade e mística islâmica o sentido e a presença de Deus como um Senhor amado cujas exigências correspondem a bondade imensa com quem o obedece. Para o conjunto dos muçulmanos hoje, o amor é a palavra moderna para

designar o que seus antepassados chamavam de misericórdia ou bondade de Deus infinitamente bom. A noção do amor de Deus ficou bem exposta, em um sentido mais concreto, na vida de uma célebre mística muçulmana Rabia entre outros sufis. Sua mística esteve centrada na noção do pura amor. Se tratava da fascinação de Deus, que é o único que conta aos olhos do fiel, que vai orientar todo o pensamento, toda vida, todo ser.[202]

## Conclusão

Neste segundo capítulo sobre o atributos de Deus concluo que primeiro que há Um Deus e segundo que o Deus Criador é origem e síntese de todos os atributos que leva ao diálogo e possível convivência em paz entre judeus e muçulmanos com ações concretas. De modo que as diferentes imagens de Deus possa orientar a realidade atual sendo mais inclusiva, profética, mística e libertador na vida de judeus e muçulmanos/as.

Deus é Um. Pois, não existe dois Deuses: Javé e Allah. Há um único Deus porém visto de modos diferentes. Neste sentido no judaísmo e islamismo há muito mais pontos de unidade como: um único pai na fé Abraão, profetas em comum e a religião como presença da graça e caminho de unidade e libertação da opressão.

O Deus Criador aparece como origem e síntese de todos os atributos. Manifestando-se como libertador, misericordioso, santo, uno e único. Pois tudo que fez e faz é em favor da humanidade é graça. Como ofereceu opção de escolha a Adão e Eva seja no Islam ou judaísmo todos receberam esta herança, mas sobretudo devem viver na terra com as atitudes de Deus como pessoas do jardim-paraíso. Daí decorrem algumas consequências tais como: os fiéis em sua fidelidade a Deus são chamados a serem misericordiosos: “oferece o perdão, recebe a paz”[203]; fazer o bem, praticar a justiça, pois “da justiça de cada um, nasce a paz para todos”[204].

Portanto, no resgate dos atributos de Deus que motivaram o nascimento de judeus e muçulmanos/as o diálogo ser faz viável como caminho para convivência em paz. Sendo

deste modo sinal e testemunho de graça no mundo e pelo mundo para que se tenha vida digna e abundante. Então propomos um diálogo de graça e liberdade e sobretudo concreto e criativo onde "a graça de Deus conjuga pão, casa e amizade. Porque a graça de Deus não é uma coisa, se não uma relação em forma de encontro e intercâmbio vital entre dois seres pessoais e livres".[205] Partindo das necessidades concretas de palestinos e israelenses: compartilhando um jardim-paraíso (terra) cultivando-a e guardando-a; na solidariedade e partilha dos bens do jardim para que não tenhamos mais empobrecidos, miseráveis e refugiados. E estas são exigências para cada fiel submisso e obediente a Deus que em sua liberdade e responsabilidade assume as consequências do bem ou mal que faz sobre a terra como servos de Deus no mundo. Veremos mais sobre como concretamente a cooperação e colaboração entre judeus e muçulmanos/as poderá abrir as portas para o diálogo em vista da convivência em paz no capítulo seguinte.

# CAPÍTULO III
# DIÁLOGO CAMINHO DE PAZ E MANIFESTAÇÃO DA GRAÇA AO MUNDO

Ao decidir refletir sobre a possibilidade de diálogo inter-religioso entre o judaísmo e islamismo assumi um desafio de buscar vias que possam tornar isto realidade. Frente a realidade que nos circunda parece impossível visualizar tal anseio. Para isso precisamos desnudar a realidade para vermos a verdade, desejo e busca de todos os seres

humanos. Aos olhos humanos parece irreal e muito caro, mas aos olhos de Deus é graça. É caro porque precisa aceitar, tolerar, conviver, perdoar, dialogar, escutar, aprender um do outro, nem sempre concordar com tudo e se comprometer para que a vida humana seja vivida com dignidade, e de modo especial com os mais pobres, como chave de leitura da realidade para que todos e todas sejam incluidos e incluídas.[206]

O ser humano recebeu a missão de cuidar do "Oikomene", todo mundo habitar-a criação, dom gratuito do amor de Deus para o homem e a mulher. Ao tomar com fundamento os dois textos da criação para o judaísmo e islamismo tive a intenção de ver o espírito e a força da Palavra de Deus que pode romper com sua graça as barreiras do fundamentalismo 'sagrado', para que as religiões se percebam como desnudadas pela sua resistência e a se colocarem numa atitude de escuta e diálogo pelas causas sagradas da vida dos milhões de empobrecidos, pela natureza que agoniza e a justiça que nos dar como fruto a paz. Eis a razão do diálogo caminho de paz entre o judaísmo e islamismo que se estende a todas as religiões. Este diálogo não é apenas responsabilidade dos líderes religiosos, mais deve ser também o compromisso de cada pessoa que se encontra a todo tempo no mundo, nas cidades, becos e vias.[207] Segundo Christel Hasselmann o "diálogo se desenvolve mais entre os representantes 'oficiosos' do que entre as instituições."[208]

Portanto, diálogo por diálogo sem testemunho e compromisso é estéril. "A religião que não tem em conta os problemas práticos e não ajuda a resolver-los, não é religião."[209] As palavras podem comover, mas os testemunhos transformam e arrastam outros a seguir. Como diz José Tamayo: "Para que o diálogo não só fique num simples exercício de bons modos, deve desembocar em uma série de tarefas comuns que terão de assumir as religiões, mais além de suas diferenças doutrinais, rituais ou morais."[210] Deste modo vejamos neste capítulo quatro pontos: um resumo do que aproxima judeus e muçulmanos facilitando o diálogo que se dar em graça a se concretizar na colaboração e cooperação numa ética ambiental, na solidariedade aos empobrecidos/as criando um ambiente para convivência em paz. Estes pontos devem ser a práxis pastoral, onde vejo o diálogo como dupla graça: diálogo em si como graça e o diálogo como graça que

transforma e dar sentido a história da humanidade renovando a face da terra. Como diz Juam Stam a "multiforme graça de Deus."[211]

## 1 - Diálogo entre o judaísmo e islamismo.

Na verdade este é um grande desafio se levarmos em consideração a situação atual em que vive hoje o Oriente Médio. Com o conflito entre o Estado de Israel e o Estado da Palestina, parece quase impensável um caminho de diálogo que leve a paz e uma convivência solidária e fraterna (*shalon/salam*). Conflito este que se estende a décadas[212] que no fundo é um conflito de religiões, no sentido de que as religiões podem "ativar e prolongar guerras, porém também podem impedi-las e abreviá-las"[213]. Assim Hans Küng postula que: "Não há paz mundial sem paz religiosa e não há paz religiosa sem diálogo entre as religiões."[214] Por isso que em nossa realidade atual o "Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso" tem começado a se converter em inrenunciável ante qualquer reflexão séria sobre o nosso mundo, igreja e/ou teologia. Evidentemente vivemos em um mundo pluriracial, pluricultural. Plural em todas as suas facetas e por suposto plurireligioso.[215]Sem dúvida o diálogo como "o caminho para paz vai ser longo, difícil, tedioso e cheio de idas e voltas. (...). Só é impossível para aquelas pessoas que não querem ceder." [216] Então "que sejamos capazes do máximo de firmeza sem cair no ódio, e do máximo de compreensão, sem cair na convivência com o mal.[217]

Embora a realidade atual aponte para o desafio de dialogar, por outro lado o judaísmo e islamismo têm muitas possibilidades de estabelecerem relações duradoras. Em relação a outras religiões as duas têm muitas coisas em comum dos quais apresentei alguns. Este é um dos princípios básicos para o ecumenismo: partir das coisas que unem e não das diferenças. Segundo Ahmed Kuftar em Abraão há raízes e responsabilidades compartilhadas, sinal de uma larga história de diálogo entre as religiões reveladas.

> Los hijos de Abraham están unidos por la creencia en la Unicidad de Dios y a pesar de que la dirección, hacia donde se dirige la oración, difiera entre las diferentes religiones abrahámicas, esto sólo es una demarcación física, pues la dirección esencial del corazón

sigue siendo una, la dirección hacia Dios (Noble Corán 6:79).[218]

Kuftaro continua citando outros aspectos comuns entre os filhos de Abraão com base no Alcorão como: crêem nos mesmos profetas, cujas vidas são exemplos a seguir (4,163-164); os livros revelados ordenam as mesmas virtudes e condenam os mesmos vícios (5,44); crêem em Dios, em seus anjos, livros e mensageiros e no dia do juízo (2,62). Além disto os filhos de Abraão têm estado unidos na luta histórica em defesa do conceito da Unicidade de Deus, e em campanhas contra a corrupção, o vício, o pecado e contra todo ato de injustiça. Assim como Moisés luto contra a tiranía do Faraó, Jesus contra a maldade dos romanos e contra quem explorava a religião e Muhamad luto contra o paganismo de sua época. Pois, como vemos todas estas religiones nascem da mesma fonte e têm o mesmo objetivo. Este breve resumo das raízes comuns das religiões abraâmicas nos situa frente a assuntos de nossa época.219 De modo que o caminho do diálogo e cooperação hoje tem mais bases e todas as possibilidades de êxito, pois há pessoas sem prejuízos, sinceros e sábios para eliminar os obstáculos como: fanatismo, inflexibilidade, distinção entre os profetas e discórdia entre religião e razão.[220]

A concepção básica de Deus é bem similar, do homem, do mundo e da história universal. É uma espécie de ecumenismo abraâmico que se há sedimentado ao longo da história e tem sobrevivido a todo tipo de inimizades e guerras. Esta é uma realidade que os crentes, consciente ou inconscientemente, deixam com freqüência passar despercebida. Além, destes aspectos em comum, já citado, há outros muito importantes que se compreendem em nome de Abraão. Apesar das diferenças que os separam, compartilham[221]:

- uma origem e língua semítica: o árabe tem uma estrutura e um vocabulário muito próximo do hebraico de Israel;
- a fé no mesmo Deus único de Abraão, seu patriarca e profeta, que – segundo as tradições – foi o grande testemunho deste Deus único, vivo e verdadeiro;
- uma concepção linear da história que não pensa em ciclos cósmicos, se não que caminha há uma meta; uma história salvífica universal que inicia na criação, passa ao longo dos tempos e tende a um final cuja a consumação está nas mãos

de Deus;

- a proclamação profética e a revelação reconhecida de uma vez por todas na sagrada Escritura, que tem permanente valor normativo;
- a ética básica de um humanismo elementar baseado na vontade do Deus uno: o decálogo ou seu equivalente.

O judaísmo, o islamismo e o cristianismo são as três grandes religiões "monoteístas" do mundo que têm uma ética e caráter profético que nasceu no ambiente semita do Oriente Próximo. Juntas, poderiam apontar uma contribuição sumamente importante ao ecumenismo das religiões.[222]

Nos tempos atuais podemos perceber que há muito mais disposição das religiões para dialogar, porém não se incluem os grupos de tendência fundamentalista. Postura esta que começou a mudar no Parlamento das Religiões do Mundo 2004 em Barcelona. O judaísmo por exemplo ao longo da história tem colaborado com outras religiões no esforço para construir um mundo melhor e tem se mostrado crítico a si mesmo quanto ao tema de "povo eleito". Pensadores e dirigentes judíos têm reconhecido a Jesus de Nazaré e a Muhammad como profetas e guias da humanidade na fé em Deus. O Islam conforme os ensinamentos do Alcorão defende o direito fundamental da liberdade religiosa para todas as pessoas. O próprio texto sagrado declara que a humanidade não tem nem terá um mesmo credo. Agora, todo credo implica o compromisso com o bem. Se há algo que as religiões têm que se comprometer é precisamente no esforço pelo bem comum.[223]

## 2 - Graça e ética ambiental

A criação é a primeira manifestação da graça de Deus para vida da humanidade. Fundamento de revelação nas duas religiões, o texto da criação, que tanto no judaísmo como no islamismo é visto como graça de Deus. Homem e mulher foram criados e moravam num jardim-paraíso. Não foi num campo desértico mais no meio da região desértica faz brotar a vida. Deus os colocou no jardim-paraíso para que cuidassem e o guardassem.[224] Jardim-paraíso é o que os autores sagrados podemos imaginar o que há

de melhor para representar a maravilha da criação. Lugar de paz, harmonia, beleza, e de vida que Deus oferece para que mulher e homem possam viver, sobrevivendo do que o paraíso os prover. Até o momento da desobediência da mulher e homem não há a implicação do trabalho pesado para sobreviver. E de certo que no seu desejo de transcendência o ser humano deseja voltar a este paraíso. Esta é a grande ânsia que está intrínseca ao ser humano. Desta forma vemos que no caminho do diálogo inter-religioso entre judaísmo e islamismo o cuidado pela saúde e vida do planeta passa pela responsabilidade das religiões. Então este é um campo de luta comum que necessita de todas as forças necessárias. De graça recebemos e de graça cuidamos. Eis um grande desafio a enfrentar nos dias atuais onde vemos que se anda no sentido contrário de dominação, destruição e exploração da graça da criação.

Podemos encontrar destacado nos Escritos judeus e no Alcorão a beleza do mundo, o mistério de admiração e o culto que desemboca no plano das necessidades materias. Certamente o homem tem senhorio sobre o mundo, não para dominá-lo ou convertê-lo em objeto possuído, se não para iniciar desde seu processo de criatividade e comunhão com Deus e com os outros. Porém, há pessoas que interpretaram diferente os escritos e pela sua ganância dão margem a acusações do tipo: A bíblia é fonte de manipulação cósmica e destruição da natureza, porque há dado ao ser humano domínio sobre os peixes do mar, as aves do céu e os animais da terra (Gn. 1,27). Porém, este domínio não é do tipo instrumental e possessivo, se não vinculação criadora com o Deus criador (Cf. Sl 8, 2-9).[225]

Segundo o Alcorão o homem religioso se admira do poder que recebeu de Deus (plantas, cereais e frutas), que são um jardim de gozo e gratuidade diante dos humanos. Aí também brota a admiração pelas plantas, animais, o gozo da vida, que são dons de Deus e sinais de sua presença:

> Pelo sol e sua claridade! Pela lua quando o segue! Pelo dia quando o mostra brilhante! Pela noite quando o vela! Pelo céu e Quem o há edificado! Pela terra e Quem a estendeu! Pela alma e Quem há dado de forma Harmoniosa ...! Bem-aventurado que a purifica (a alma). Mal-aventurado, em mudança, quem a corrompa! (Sura 91, 1-10)

Conforme o pensamento árabe presente no Alcorão, o universo é um depósito de símbolos manifestadores do poder criador de Deus e da solicitude do Criador pelo ser humano. Os céus, o sol, a lua, as estrelas, a terra, a chuva, as montanhas, o mar, os seres vegetais e animais; tudo nos é dado a perceber, não como seres e fenômenos concretos, se não como testemunhos. Se trata de que o ser humano perceba a distância infinita existente entre sua incapacidade de produzir um só destes seres e a providência ordenadora que, só ela, faz existir o universo tal como é. Enfim se designa o ser humano como o representante de Deus na terra (Sura 2, 28); e o universo inteiro está a seu serviço (Sura 14, 37). Este privilégio representa uma graça que exige, em troca, um agradecimento.[226] De modo que o ser humano é o administrador das coisas de Deus.[227]

O tema da ética ambiental tem sido levantado como uma preocupação e chamado para a cooperação como diz Kuftaro:

> Nuestro planeta se ha convertido en una gran casa con una sola familia, cuyos miembros interactúan constantemente. Pero, desafortunadamente, la injusticia, la envidia y la agresión, han alterado y echado a perder este hogar del ser humano y su armonía, por lo que la necesidad de cooperar también se ha hecho más crítica que nunca antes. (...). El progreso tecnológico tampoco ha posibilitado al hombre alcanzar el respeto mutuo y el entendimiento que la humanidad tanto necesita. Desafortunadamente, muy a menudo la tecnología moderna es controlada por agentes opresores e injustos, faltos de amor, fe, o siquiera humanidad, cuyo único motivo es la avaricia y están obsesionadas con el amasar grandes fortunas y bienes materiales; estos mismos grupos de personas son las que inventan armas de destrucción masiva, instrumentos de tortura, misiles transcontinentales y bombas nucleares. (...). Y lamentablemente, estas armas de destrucción masiva amenazan a los vivos e incluso a la vida misma, gracias a los avances científicos, al retraso moral y a el deterioro espiritual, el mundo, y toda su belleza, pueden convertirse en un erial desierto con solo apretar un botón.[228]

Neste sentido que acabamos de apresentar é imperativo, tanto para o islamismo como para o judaísmo, assumirem esta causa nobre do cuidado pela obra do Criado juntos conscientes de que se faz urgente. Pois em meio a tantas crises enfrentadas em diferentes épocas a sociedade atualmente tem mais uma pela frente: a crise ambiental. Porque dizer que é uma crise? Crise porque temos relação direta com o ambiente e necessitamos dele para viver como parceiros da criação. Portanto, devem começar a pensar na natureza como parte de nossa comunidade, a valorizá-la não apenas como meio

de exploração comercial e nos re-educar no uso dos bens naturais pensando mais nas futuras gerações. Agindo assim como colaborados da criação e deixando a graça de Deus fluir por nós.

O ser humano não é apenas um ser que tem necessidades, mas sobretudo um ser que é capaz de sentir e ser sensível em suas relações com a natureza e as pessoas. Pois há muitos seres humanos que estão reivindicando os seus "direitos animais"[229], isto é, os seus direitos básicos (terra, casa, comida, saúde). Direitos estes reivindicados por milhares de Palestinos nos territórios ocupados por Israel.[230] De modo que a convivência e relação que temos hoje revela uma face de apropriação indevida e utilização inadequada dos bens naturais por Israel. Temos aí um conflito social que é muito amplo e que envolve ambas as sociedades.[231] Precisamos portanto aprender a conviver em comunhão fazendo da religião um instrumento de promoção e defesa da vida sobre a terra. Sabendo que tudo que há ao nosso redor pede respeito e reivindica o seu direito à vida. Este é sem dúvida o maior testemunho e fruto que teremos do diálogo inter-religioso com a graça de Deus manifestada no mundo.

A teologia da criação presente no judaísmo e islamismo pode iluminar, propor e colocar em prática uma nova atitude. Portanto o problema ambiental é um problema estrutural que passa pelo econômico, social, cultural e político. Por outro lado não é apenas um problema de um país, mas um problema global que envolve a todos e sobretudo a cada pessoa. Então cada pessoa deve ser responsável em se re-educar para uma nova forma de ver o mundo como: a minha casa é de todos os seres viventes. O jardim-paraíso está agonizando e necessita de que seja olhado e cuidado como tal: espaço onde a vida se revela exuberante, harmoniosa, solidária cheia da graça criadora de Deus. Neste sentido Bernhard Häring afirma que:

> Como seres humanos, todos têm um destino comum: a "casa comum", pois, não pode ser feita de compartimentos tão estreitos: o planeta é que deve ser a casa do homem e a sua sobrevivência é indispensável à de seus semelhantes, àquela de todos os homens e mulheres, de qualquer cor, cultura ou credo.[232]

Portanto, o compromisso de defender e estabelecer uma nova ética ambiental é

um espaço do testemunho da graça entre o judaísmo e islamismo. São os frutos e graça de um diálogo em pró da vida. Condição para garantir a vida e a sobrevivência das pessoas no mundo de hoje e no futuro. Já que a destruição dos ecosistemas é considerada como a mais desastrosa classe de pobreza.[233] "Então, vives e deixas viver". Deus perdoá sempre, o homem às vezes e a natureza nunca.

## 3 - Graça na solidariedade aos empobrecidos/as

Na seguinte reflexão sobre a graça e a solidariedade com os empobrecidos apresentarei quatro pontos: a perda de plena graça - embora que o ser humano tenha pecado Deus continua o assistindo com sua graça; dignidade humana é graça e o empobrecimento é a negação da dignidade humana; unidade das religiões pela causa dos empobrecidos; e por fim traços da prática do judaísmo e do islamismo quanto a preocupação com os pobres. Podemos dizer que este é um "ecumenismo de compaixão"[234] para as religiões onde os seres humanos sentem que Deus se compadece do seu sofrimento e vêem respostas concretas aos seus clamores.

Faço uso do termo empobrecido/a porque o pobre não é pobre porque quer, mas a sua pobreza é gerada por uma seres de fatores de ordem econômica, social, cultural, política, religiosa, educacional e que ao mesmo tempo o impede se superá-la.[235]

### 3.1- Perda da plena graça

O ser humano ao dar ouvidos a serpente e comer da árvore do bem e o do mal, a primeira coisa que acontece é que percebem que estavam nus e procuram se cobrir com folhas. O homem e a mulher começa a se descobrir da plena graça para torna-se conhecedor do bem e do mal. Assumindo um atitude de dominação frente a graça.[236] Embora tenha duvidado de Deus no diálogo que há entre ambos se apresenta as conseqüências da atitude do ser humano. Agora o que é mais interessante é que antes de saírem do paraíso Deus faz um roupa de pele de animal para que se vistam. Interpreto

este versículo da seguinte maneira: primeiro Deus continua demonstrando a sua graça vestindo o ser humano para que sua imagem e semelhança esteja protegida, e ao mesmo tempo o ser humano a assuma responsabilidade; segundo a veste é uma pele de animal. No reino animal a sobrevivência não é fácil: os mais forte se alimenta dos mais fracos e há muita luta para sobreviver. O ser humano recebe a veste de animal sabendo que teria que trabalhar duro a terra para ter o alimento. Por outro lado em certo sentido o ser humano, no fundo querendo se esquivar do trabalho e da culpa, tenta se apropriar da vida do outro tomando-lhe o que produz para viver. Separando-se da graça e perdendo a sua dignidade gerando desumanidade e faltando com a solidariedade ao culpar a mulher por ter lhe dado a fruta da árvore.

O fato de Deus ter dado uma veste de animal implica em dizer que o ser humano continua assistido pela graça, mas pelo outro lado na sua liberdade o ser humano pode assumir ao mesmo tempo a atitude que o fez comer da árvore do bem e do mal: se apropriar como conquista própria da graça. Neste sentido quando vemos a pobreza ao nosso redor está não é gerada por Deus ou é de sua vontade, mas é causada pela falta de solidariedade e perda do respeito a imagem de Deus que dignifica o ser humano.

A partir do texto (Gn 2-3) podemos fazer uma leitura interpretativa da criação que nos ajuda a compreender a causa da geração do empobrecimento. Quais são as perguntas por trás do texto? A raíz do mal está na responsabilidade do homem e de suas decisões. A serpente em si só pode morder uma pessoa e não gerar a destruição. O texto é de tradições diferentes e respectivamente montado em vários blocos. O contexto corresponde ao mundo campesino. Deus cria a terra que é a casa do campesino. A inimizade do ser humano e a serpente que simboliza o poder do Egito está relacionado com a idolatria. Os faraós egípcios tinha domínio muito extenso e cobrava tributos dos campesinos. Estes com seu trabalho geram riqueza e suas esposas geram mão-de-obra. O campesino trabalha como escravo, não fazendo mais um trabalho criativo. Também a relação homem e mulher é reflexo da dominação do sistema patriarcal do Estado.[237]

Ao falar de pobre que é empobrecido não o faço de um ser sem identidade, sem idade, sem sexo mas de rostos concretos oprimidos e marginalizados de mulheres, homens, jovens , crianças, idosos de diferentes religiões, raças, povos, nações. A pobreza

não faz distinção, ela atingi a todos e todas, mas o rosto mais visível é de mulheres e crianças. Portanto falo das "pessoas pobres, os deserdados deste mundo, e não da pobreza como uma abstração sociológica".[238]

Creio que além do dar rostos concretos necessitamos ao mesmo tempo superar o sentido de pobre limitado ao aspecto econômico. Isso nos impede de ver outras variantes que podemos ver-los claramente na realidade do povo Palestino[239] tais como:

> Em sentido econômico, pobre é o carente de recursos monetários; em sentido cultural, pobre é o subjugado por modalidades de vida e de expressão alheio aos seus; em sentido político, pobre é o violentado e oprimido pelo poder abusivo; em sentido clínico, pobre é o enfermo; em sentido sicológico, pobre é o alienado, o extranho de sí mismo; em sentido educativo, pobre é o iletrado; em sentido étnico, pobre é o negro, o indígena, o latino, a minoría; em sentido sexual, pobre é o "anormal"; em sentido epidemiológico, pobre é o infectado; em sentido moral, pobre é o desincaminhado; em sentido familiar, pobre é o só, o triste, o órfão, a abandonada, a viúva; em sentido de género, pobre é a mulher vitimizada; em sentido de direito, pobre é o excluído e pisoteado, sem acesso à protestar, ao diálogo, à democracia, à representação; em sentido de necesidades básicas insatisfeitas, pobre é o que não pode ter acesso a comida, teto, saúde, educação; em sentido de desenvolvimento, pobre é o condenado a não ver atuadas nunca suas potencialidades físicas, espirituais e sociais; em sentido ecológico, pobre é aquele a quem se lhes destrói seu habitat, seu meio ambiente e seus recursos de ar, de solos, de flora, de fauna; em sentido teologal, pobre é o que se fecha à misericordia e ao amor; em sentido religioso, pobre é aquele que é violentado em sua consciência e a quem nega-se ou impide-se de buscar e encontrar a razão de seu sentido histórico e de seu último sentido.[240]

Portanto, "a pobreza é um fenômeno multidimensional"[241] é uma situação de privação humana inaceitável que desfigura a dignidade humana e rompe com a graça de Deus. A pobreza é provocada pela falta de sentido da imagem de Deus no ser do outro. É privação ou carência de se relacionar a aquilo que homem e mulher devem ter para ser o que lhes compete, não numa orden simplesmente distributiva, se não equitativa.

### 3.2- Dignidade humana é graça

Há uma dupla relação entre graça e dignidade humana; ambas nos remetem a Deus e ambas nos remete aos humanos. Nos remete à divindade porque é a fonte de onde

procede a graça e toda dignidade humana desde a criação e na recriação contínua de suas criaturas; e nos remete aos seres humanos porque só na criação inteira e na história humana é possível perceber até hoje a graça de Deus e a dignidade humana. Graça e dignidade humana são inseparáveis porque é impossível experimentar a graça de Deus a margem do sentimento da dignidade. Se não há vivência de dignidade humana há ausência da graça de Deus; e se há dignidade humana há presença da graça de Deus e de sua glória. A graça empodera e nos faz sentir-se digno. Esta é como uma chama de Deus interna, chamada graça que não só vivifica se não dar força para caminhar com dignidade e resistir a adversidades que nega o dom da dignidade.[242]

Chama a atenção que a experiência da graça não se limita a gerar emoções: é profunda, transformadora e renova a consciência. Por isso não pode ser uma aposta egoísta da pessoa. A eficácia da graça na pessoa revela-se em sua honestidade e transparência; em seu estilo de vida solidário. Porque a graça recebida por Deus não temos que guardá-la em cofres ocultos: dela irradiará a vivência divina que testifica o amor de Deus em meio a tantas hostilidades e sofrimentos. Pois assim como Deus atua graciosamente conosco, assim se espera que atuemos com nossos irmãos e irmãs que se sentem abandonados, a causa da desgraça do mundo.[243]

José Ignacio González-Faus diz que:

> A imagem de Deus supõe a dignidade da pessoa humana e isto implica um elemento de grandeza e mistério absoluto no outro, que exige respeito total, que impede a condena radical e a manipulação não por medo nem por comodidade se não por algo que nos o exige desde de dentro, estamos confessando que há no mistério dos demais uma verdadeira imagem de Deus.[244]

No mundo concreto onde se joga a vida e impera a desigualdade, as experiências divinas nunca são experimentáveis em sua plenitude. Segundo Enrique Dussel, a dignidade se descobre desde a negatividade. Para ele, a dignidade "se conquista, se vai construindo processoalmente, é um movimento de dignificação".[245] Não poderia se falar objetivamente de dignidade humana ou de presença da graça de Deus se há violência homicida, guerra e se não há trabalho, comida, saúde, educação, moradia, lazer e liberdade. A insatisfação destas necessidades vitais é falta de respeito a dignidade

humana e ausência da graça de Deus.[246]

A dignidade humana e a graça de Deus não podem simplesmente ser proclamadas e assumidas com a cabeça e com o coração sem nenhuma ação concreta na história. Ambas são dons divinos e desafios que têm que ser reafirmados. A dignidade humana e a graça de Deus são vocações e presentes divinos que devem ser vividos. São vocações que acolhem o desafio de viver a dignidade sendo reflexo da graça de Deus reconhecendo a dignidade e a graça de Deus no outro.[247]

## 3.3- Religiões unidas na solidariedade para com o empobrecido/a

Creio que o processo de humanização e o cuidado por toda a criação passa pelo testemunho dialogal das religiões. Pois as mesmas procuram desenvolver relacionamentos saudáveis entre as pessoas, criação e com Deus. Por outro lado vemos ao longo da história que as religiões têm sido meios de geração de conflitos armados e guerras. Promovendo assim injustiça, morte, miséria, e discriminação. Negando seus fundamentos mais profundos e sua razão de ser. Desfiguram a criação revelando a desgraça e o desejo de dominação de uma sobre a outra ou se determina a pura, perfeita e verdadeira. Então voltemos as suas origens para buscar um espaço comum para o diálogo que aproxime-as na graça manifestada na solidariedade aos privados dos bens básicos para viverem no mundo. Os empobrecidos/as são uma realidade presente em todas a religiões. O Islam e Judaísmo têm uma história neste caminho de diálogo em defesa da vida e da superação da pobreza. Pois, vêem, como muitas outras religiões, a extrema pobreza material como uma condenação moral contra o humanidade e traição contra a família humana.[248] A busca da graça do paraíso expressada na diversidade de maneiras e formas de cada uma relacionar com cada pessoa, a criação e Deus caracterizam a judeus e muçulmanos particularmente.

Na reflexão sobre diálogo inter-religioso a superação da pobreza aparece como um dos pilares e razão de se fazer o diálogo de forma concreta. Há de se admitir que “a maioria das pessoas, não sabem absolutamente nada dos esforços de cooperação entre as

religiões”[249] Na verdade há uma diversidade de ações com acentos diferentes que desembocam de certa maneira no tema da pobreza e ou empobrecimento como: dignidade humana, justiça, direitos humanos etc. Por outro lado a superação da pobreza é um desafio, porque deve se dar de forma criativa de empoderamento, participação e inclusão de mulheres e jovens empobrecidos.[250] Neste sentido vários autores afirmam que a teologia da libertação com a chave hermenêutica, o pobre, tem muito a oferecer para o diálogo inter-religioso, aplicando ao mesmo tempo o conceito de solidariedade.[251]

### 3.4- Judaísmo e islamismo e a solidariedade

Tanto no judaísmo como no islamismo há a preocupação com a dimensão social no sentido de prover os mais necessitados. Ao mesmo tempo para as duas não é só uma questão pessoal mais preceito sagrado presentes na Tanak e no Alcorão.

No livro do deuteronômio encontramos a oferta do dízimo anual e trienal de tudo que é produzido. Este deve ser oferecido ao templo para o favor do estrangeiro, do órfão , da viúva e dos levitas (Dt 14,22-29). Outra lei do sétimo ano: perdão das dívidas e alforria aos escravos (Dt. 15). O sétimo ano de produção dos campos deve deixar para os pobres (Ex. 23, 11). O jubileu perdão de dívidas e resgate de propriedade (Lv 25, 8-54).

No Islam a justiça social é um valor supremo[252] encontrando sua razão de ser na vida do Profeta, a primeira comunidade e no Alcorão.[253] De modo que há estabelecido como lei o imposto social que é chamado de esmola legal ou zakat. A zakat é um espécie de dízimo destinado a sustentar aos pobres e aos que se ocupam de recolhe-lo ou, se pre-ferir, é um imposto de benefício que permite financiar empresas que oferece interesse pa-ra o povo. O princípio jurídico da zakat afirma que os pobres têm direito nos bens dos ri- cos: “Reconhece seu direito ao próximo, ao pobre, ao viajante”(Sura 30, 37-38)[254]. Apesar da zakat o mundo muçulmano há mantido e tolerado grandes injustiças sociais em suas comunidades, porém também tem promovido um alto compromisso de comunicação econômica e justiça social, se bem que nasce de uma imposição comum do que do diálogo e tende a deixar de fora às mulheres.[255]

Agora não é suficiente que cada uma faça por seus adeptos, pois o nível de crescimento da pobreza é maior do que cada religião pode fazer. Portanto é necessário criar novas relações baseadas na solidariedade e no diálogo com um espírito de solidariedade e mediante os instrumentos do diálogo aprenderemos: a respeitar cada pessoa humana; a respeitar os valores autênticos e as culturas dos outros; a respeitar a autonomia legítima e a autodeterminação dos outros; a olhar para além de nós mesmos, a fim de compreender e apoiar o que há de bom nos outros; a contribuir com os próprios recursos para a solidariedade social em favor do desenvolvimento e do crescimento, que brotam da eqüidade e da justiça; a construir estruturas que proporcionem à solidariedade social e ao diálogo serem características permanentes do mundo em que vivemos.[256]

## 4 - Graça e paz

Parece irreal pensar em paz entre o judaísmo e islamismo. Mas só o fato de pensar e superar está imposição creio que é sinal de graça. Temos consciência de que as décadas de conflito, porém não é porque judeus e muçulmanos defendem o princípio da guerra santa que podemos afirma que é um conflito religioso. Podemos dizer sim que com a criação do Estado de Israel em 1947 e a guerra do Golfo Pérsico[257]; o atentado terrorista de Nova Iorque em 11 de setembro de 2001 provocou um clima de terror mundial no qual os Islam se tornou o símbolo do mal. Falo o Islam porque a mídia não faziam distinção entre os diferentes grupos e atribuía a todo Islam, quando sabemos que os grupos radicais não é todo o Islam e tampouco existe só no Islam. Quase três anos depois em 11 de março aconteceu a destruição do metro na Espanha que matou centenas de pessoas. Em contra-ataque os Estados Unidos e aliados promoveu a caça ao terrorismo promovendo duas guerras de invasão: uma no Afeganistão e a guerra do Iraque. Por isso, hoje Islam tem como sinônimo fundamentalismo-terrorismo religioso.

Há muitas obras sobre fundamentalismo e terrorismo religioso. Neste sentido para o aprofundamento e conhecimento é recomendável ter presente alguns pontos como: distinguir as diferenças e semelhanças entre ambos; a origem do termo fundamentalismo; o que é o terrorismo religioso; o fundamentalismo um fenômeno presente em todas as

religiões assim como há um judeu e islâmico.[258] Assim com este conhecimento se descobre que como muitas religiões, o Islam também tem os seus fundamentalistas com suas patologias, isto é, não são todos os muçulmanos que são terrorista e fundamentalistas. Há grupos fundamentalistas islâmicos que difende uma ideologia dogmática de caráter político que têm o objetivo de instaurar a defesa de um estado, baseado na lei islâmica, objetivo procurado por qualquer meio, incluindo a violência.[259]Como também há grupos judeus de tendência política eterroristas que se guia pelo princípio de Maquiavel: "os fins justificam os meios".[260] Criando-se um clima de insegurança mundial e intolerância religiosa, cultural. Por isso se faz urgente e necessário o diálogo inter-religioso como caminho de paz e graça.

Os representantes das religiões em geral, caso particular judaísmo e islamismo, não podem eliminar os problemas políticos de estratégias e de segurança, porém poderiam falar uma mesma língua e ajudar a encontrar um espírito de entendimento de confiança e paz. Um caso bem concreto que temos é a questão Palestina. O judaísmo e islamismo deveriam refletir sobre seus próprios programas, na que a palavra paz – na bíblia hebréia shalom, no Alcorão, salam-ulga – tem um papel tão importante: "Procura a paz e vai atrás dela", diz o salmista (Sl 34, 15b). E na visão de paz do profeta Isaías: "De suas espadas forjarão relhas, das suas lanças pondadeiras. Nação contra nação não brandirá mais a espada, não se aprenderá mais a guerra" (Is. 2,4). E no Alcorão, pesa a sua insistência em resistir frente ao inimigo infiel, advertindo: "E quando eles se inclinem a paz, inclinate também tu a ela e confia em Deus (8.61). E, "quando eles se mantiverem distantes de vocês e não lutar contra vocês, e os oferecem a paz, então não os permite Deus a vocês ir contra eles"(4,9).[261]

Em suas origens tanto o judaísmo como o islamismo tiveram os profetas que receberam de Deus a revelação. E este procuraram transmiti-la com fidelidade o que escutaram de Deus dentro de um contexto e de uma época. A palavra que anunciaram tinha o peso da transformação e humanização da realidade histórica. O que não invalida a sua atualização para hoje em contrapartida as mudanças de interpretação ao longo da história com seus fundamentalismos deve ser superada. Isto é possível com uma volta as fontes e testemunhos dos profetas:

> Os profetas do judaísmo e do islamismo proclamam a palavra de Deus na história para transformá-la: não querem que as coisas exteriores sigam em violência, que os homens e mulheres lutem, de maneira que a salvação seja só puramente interna. Ao contrário, ele instauraram em nome de Deus um caminho de humanização, paz e concórdia dentro da mesma história. Por isso, os grandes profetas (Moísés, Maomé) são homens de transcendência e transformação humana: Hão visto a Deus, hão escutado sua Palavra e crêem que ela capacita para criar justiça e concórdia sobre o mundo; são portadores de paz, em nome de Deus, porém não são nem trazem a Paz definitiva.[262]

Creio que preciso esclarecer algumas questões em relação a concepção de guerra santa no judaísmo e no islamismo. Pois, é necessário conhecer o que realmente existe de fontes para não se deixar levar pelo fundamentalismo. Por outro lado iremos procurar ver como se apresenta o fundamentalismo atual que rompe o diálogo inter-religioso. Porém, não ficaremos aí, queremos anunciar a paz como graça e para isto iremos caminhar sobre o trilho da tolerância que abre caminhos de diálogo.

## 4.1- Guerra santa no judaísmo e no islamismo

Depois de 11 de setembro de 2001 o tema de "guerra santa" voltou ao cenário mundial. Em todos os jornais do mundo, analistas e cientistas políticos falaram sobre o tema. Ao mesmo tempo no mundo religioso por meio de seus teólogos, teólogas e biblistas de forma corajosa e coerente procuraram desmitificar o tema e explicá-lo a sociedade. De certa forma é o que pretendo fazer nesta reflexão para superar preconceitos e a simples leitura literal de textos sagrados aplicados na realidade atual.

### *4.1.1- Guerra santa na Tanak*[263]

Muitos textos da Tanak descrevem guerras ou conflitos. Porém devemos levar em conta que existe uma grande distância entre os atos e a apropriação ou elaboração literária destes atos realizados. Na conquista da terra prometida, não existe uma evidência histórica que corresponda à ação guerreira descrita no livro de Juízes. Existiu durante os primeiros tempos algo chamado "guerra santa", re-elaborado por um narrador desde um

ponto de vista tardio.

A batalha de Débora (Jz 4, 4-16) e a descrição da consolidação de Israel com Saul (1 Sm 11-14) são tradições autênticas que iluminam o marco no qual Israel conduziu a “guerra santa”. Sem dúvida a primeira característica desta guerra foi seu vínculo sacral; a segunda foi defensiva e não ação (ou reação). A instituição sagrada da “guerra santa” chegou a seu fim com a introdução do exército profissional durante a época da monarquia (1Sm 13,2). Uma parte do movimento profético entendeu a si mesmo como o guardião da ordem patriarcal da guerra santa. Isaías é o profeta que reporta maiores alusões a mesma. Mostra a “guerra santa” pensando na luta escatológica de Javé em favor de Sião. Deuteronômio introduz uma mudança significativa em relação a “guerra santa”. Descreve como uma guerra de religião contra os cultos cananeos (Dt 20, 1-9). Com a catástrofe de Josias, a instituição da “guerra santa” chega ao final. Depois do exílio se viveu uma espiritualização da guerra. Sendo assim observamos que a tradição da “guerra santa” sofreu muitas modificações ao longo da história do povo de Israel.

### *4.1.2- Guerra santa e paz no Alcorão*

Na história do Islam aconteceram muitas guerras até ficar claro os princípios diretivos neste terreno.[264] O Alcorão apresenta vários termos associados ao vocábulo da guerra como: yahâd da raíz yâhad, que significa esforçar-se ou empenha-se. Seu significado pode abarcar todas as dimensões da vida, e  não exclusivamente religiosos nem muito menos militares. Encontramos o assunto da guerra santa como disposições do Alcorão para preservar a fé conforme os cinco pilares da lei islâmica (profissão de fé, oração, o imposto social - zakat, jejum no ramadam e a peregrinação a Meca). Especificamente nas leis da vida social, que são amplas. Nestes textos do Alcorão se menciona a violência ligada as práticas de fé, porém como demonstração de força para evitar a confrontação e não como agressão (cf. Sura 4,102-104; 2, 217-218).[265]

Os muçulmanos da primeira hora se encontravam ante dois tipos de situações que promoviam neles atitudes bem determinadas. A primeira num contexto existencial onde os muçulmanos tiveram que tomar posições *defensivas* salvaguardando a fé antes aos ímpios; foi a emigração. A Hégira da pequena comunidade muçulmana e Muhammad de

Medina em 622, que foi hostilizada pelos não crentes. A segunda atitude é a *ofensiva.* Depois da toma de e fixação em Medina os muçulmanos dirigem suas tropas contra o resto da Arábia e o exterior. Estas guerras de conquista se apresentavam da seguinte maneira: Muhammad escrevia para os reis e autoridade políticas convidando-os para se fazerem muçulmanos. Caso não aceitar-se eram atacados. Esta atitude durou até a época colonial. Na época moderna, os muçulmanos assumem métodos de combate que podem utilizar os povos oprimidos: seqüestros de aviões e pessoas, política internacional do petróleo etc. Enfim, o Alcorão se referem ao fortalecimento que consiste em atos de fidelidade a Allah que nasce do reconhecimento e da defesa Dele como único Deus.[266]

Apesar de tudo, o Islam está para paz, e quando nossos contemporâneos estudam a aproximação das religiões à causa da paz, o Islam reivindica um rosto de paz[267]. Se trata antes de tudo da paz do jardim-paraíso, esse lugar da felicidade que o Alcorão chama de "Dar-se Salam"(a morada da paz), porém dessa paz que deve reinar entre os muçulmanos e cujo signo é a saudação que se dirige mutuamente os crentes. Frente aos não-muçulmanos, será a paz dos fortes, a paz depois da vitória. E todos os demais casos se trata de uma paz relativa.[268]

### *4.1.3- Visão conjunta do judaísmo e islamismo sobre "guerra santa"*

O exercício "legítimo" da violência tem na Tanak e no Alcorão em contextos diversos. A maioria das "guerras" nos livros históricos no AT foram de caráter defensivas de salvaguardar a terra. Luta esta que dura até os dias atuais com a questão Palestina e Israel. O Deus Javé descrito pelo deuteronomista luta a favor de seu povo porque o Senhor da terra e da promessa fez uma promesa ao seu povo. O Alcorão exorta a defesa da fé em Deus (Allah) referindo-se a combater em defesa da fé contra os infiéis. Javé, aí igual a Allah, que luta em favor de seu povo, porém, os objetivos últimos diferem da vitória: a terra prometida; a fé num único Deus.

No fundo das tradições do Alcorão e da Tanak encontramos concepções de Deus bem diversas. Javé é descrito como o Deus da promessa, um Deus capaz de mediar nos conflitos humanos e tomar partido por seu povo escolhido. Já Allah é descrito como o

absolutamente verdadeiro, único e misericordioso, totalmente transcendente, criador inacessível que derrama suas graças sobre os homens e mulheres.[269] Estas concepções de Deus presentes nas religiões monoteísmos assumidas como fundamentalismos têm levado as mesmas para um clima de intolerância religiosa rompendo o diálogo, caminho de unidade e paz na graça de Javé-Allah.[270]

## 4.2- O Fundamentalismo religioso

Irei tomar como base para esta reflexão o pensamento de Tamayo[271] segundo o qual entre a intolerância e fundamentalismo há uma relação de reciprocidade. Uma das virtudes que tem caracterizado as religiões não é a tolerância, mas a intolerância religiosa. Esta age no meio religioso com a atitude de imposição de um pensamento único e o tem perseguido, castigando e expulsando os seus crentes considerados dissidentes. No meio civil têm invadido áreas que não são de sua competência e imposto crenças, muitas vezes com a força. Esta prática esta muito presente nas religiões monoteístas como temos visto no islamismo, judaísmo e cristianismo ao longo da história. E por isso que o diálogo inter-religioso se torna uma realidade ausente. Este fenômeno de intolerância e fundamentalismo se dar nas religiões que se baseiam em textos revelados. Contudo, o fundamentalismo não constitutivo dos textos revelados, mas uma grave patologia.

Estas patologias fundamentalistas adotam uma diversidade de atitudes no campo social e religioso: frente aos fenômenos sócio-culturais da modernidade assume uma atitude de hostilidade. Uma das características que melhor define o fundamentalismo é sua atitude negativa de recorrer a mediação hermenêutica de textos sagrados da religião convertendo-os em dogmas. Asssim o plural se uniformiza e o relativo se absolutiza. O pluralismo religioso é visto como ameaça contra a unidade da fé. Neste sentido adotam uma atitude de suspeita frente aos que defendem a mediação hermenêutica na leitura dos textos sagrados.

O fundamentalismo se utiliza da religião para instrumentalizá-la com fins expansionistas e para seus interesses de hegemonia. Por exemplo a tendência fundamentalista islâmica se propõe em estender a sua crença a todos os níveis da

realidade. Partindo da idéia de que a religião engloba o conjunto de todas as relações humanas. Em si esta concepção é boa se excluir o fundamentalismo. Em setores judeus ortodoxos dos Estados Unidos, Israel e um pouco menos na Europa, há uma tendência de segregação a partir da interpretação estrita da totalidade da Torá- escrita e oral.

A atitude fundamentalista se caracteriza pela imposição de suas crenças, inclusive com a força, a toda comunidade humana. Este tem desembocado muitas vezes em choque, enfrentamento e guerras religiosas. A história universal é testemunha disso. Como vimos anteriormente na Tanak e no Alcorão a existência e evolução do conceito de "guerra santa".

Portanto, o diálogo inter-religioso com os fundamentalistas parece ser uma tarefa muito difícil ou quase impossível. Porém, os fundamentalistas não são todos os fiéis do mundo judeu e muçulmano. Frente ao fudamentalismo temos a tolerância e o diálogo como alternativa de graça e convivência solidária. "Tolerância, solidariedade e fraternidade são os três caminhos de um único caminho rumo a Deus e à plena realização de todos os seres humanos. A primeira etapa desta caminha é tolerância."[272]

## 4.3- Tolerância via de diálogo na graça e paz

### *4.3.1- Tolerância*

A tolerância é um caminho a se percorre em vista do diálogo para paz. No mundo das pluralidades que parte do particular ao universal a tolerância ocupa lugar privilegiado para convivência social e religiosa. Gandhi diz que: "Não gosto da palavra 'tolerância', porém não encontro outra melhor."[273] Na verdade a palavra apresenta dois sentidos: um positivo e outro negativo. Embora que não seja a melhor palavra, a tolerância é uma maneira de agir frente a intolerância e ao fundamentalismo para chegar ao diálogo.

Vejamos algunas conotações e denotações de tolerância segundo Manuel Calviño: Forma de comporta-se uma pessoa ou grupo social que suporta sem protestar em detrimento de seus direitos; desviar ao máxima permitido do que está estabelecido; regra de comportamento que supõe o deixar a cada um a liberdade de expressar suas opiniões;

maneira de fazer de uma autoridade que aceita em dependência de certos interesses; capacidade de asimilar influências nocivas sem produzir reação de rejeição; qualidade de algumas pessoas para coexistir com o diferente sem prejuízos de sua individualidade; indulgência, con descendência e flexibilidade.[274]

Como podemos observar a tolerância parece contrária ao que entendemos e propomos para o diálogo. Porque ela apresenta-se com uma visão acrítica no sentido de suportar, de admitir e parece designar uma atitude externa, quase oposta a de desejar penetrar, compartilhar, a de entender que se é, ao mesmo tempo quem é o outro. Por outro lado parece que se aceita tudo com passividade e neurose individual e social.[275]

Dentro as conotações e denotações apresentadas creio que a única que tem um sentido positivo, se assim podemos dizer, é a flexibilidade. Porém, a tolerância desde uma perspectiva histórica segundo o pensamento filosófico moderno destaca mais o seu sentido positivo de abertura, flexibilidade, e por conseguinte liberdade e universalidade. Vale destacar que a liberdade e tolerância são inseparáveis e complementárias. Já que sem a defesa e o cultivo da liberdade não é possível promover nem praticar a tolerância.[276]

Segundo Häring a tolerância tem um sentido negativo (suportar) e um positivos (negociar). No sentido positivo ela assume uma modalidade especial de administração de conflitos que pode se distinguir em três maneiras de agir: no sentido de um conflito administrado através do ataque não se pode falar de tolerância; no caso de uma retirada, há mais o sentido passivo; quando há negociação encontramos um comportamento tolerante no sentido pleno e positivo do termo.[277]

Frente a um conflito a tolerância exclui a força e irracionalidade como critério estabelecendo limites na prática entre o intolerável e o que livremente expressam os seres humanos quando expõem suas idéias, crenças. Em sua lucidez a tolerância se distancia de qualquer tentação de inibição ou passividade. Não admite projetos letais em garantia e exercício da própria liberdade e tolerância. Pois, defende que nem tudo vale igualmente manifestando sua reação frente as injustiças.[278] A tolerância é a capacidade de negociar, aproximar e conhecer formas de entrar no universo do outro que muitas vezes se encontra

armado para o ataque. Então há que se dar um tempo, recuar, esperar, respeitar sem desistir. Porque se faz necessário e urgente o diálogo e mesmo frente aos intolerantes não se deve parar, mas há de se insistir com paciência e uma esperança ativa. É necessário ser otimista e persistente. Está atitude não é acrítica de suportar por suportar, pois é graça saber esperar e confiar, insistir respeitando o nível do outro, que ainda não enfrentou e sonhou a realidade que os outros já viveram. Todavia, a tolerância e o diálogo, que têm como fim a aproximação das religiões, não devem se converter num absoluto e fechar os olhos as injustiças como nos chama a atenção José Tamayo:

> O diálogo e a tolerância não podem se converter em fim em si mesmo ou em algo absoluto, como tampouco no objetivo último do diálogo inter-religioso. Ambos têm seus limites, que são as vítimas da sociedade. Como indica certamente D. Sölle, a tolerância termina onde os seres humanos se vem privados de sua liberdade, destruidos em sua dignidade e violados em seus direitos.[279]

O diálogo não se dar com violência, mas até frente aos que são intolerantes e fundamentalistas, age com graça. Vemos a tolerância como uma forma de não violência que conduz a paz. Em meio ao mundo judeus e muçulmano o cultivo da tolerância pode contribuir para prevenir e evitar tanto a rejeição como o enfrentamento agressivo ou violento.[280] Ao mesmo tempo pode ser uma grande arma para construir a paz e fazer o diálogo acontecer. A tolerância é um risco porque age não como o intolerante espera que aja, isto é, revide na mesma forma. A tolerância desarma com sua forma de agir, pois tem auto-controle de si e da situação. No sentido positivo a tolerância é um passo de graça para o diálogo e a paz. Sem está atitude creio que não seria possível viver hoje no mundo que é tão diverso e plural. Concluo com Tamayo que ver o sentido positivo da tolerância em sua relação inseparável do diálogo:

> A atitude inseparável do diálogo é a tolerância, que deve não entender-se no sentido passivo e resignado de aguentar, suportar ou consentir, se não ativamente, como capacidade de relacionar-se e conviver com pessoas e grupos humanos pertencentes a tradições culturais e religiões distintas das nossas, dentro do respeito às diferenças e sem pretender impor o próprio credo ou modo de vida. O mundo das crenças é tão pessoal e intransferível que só pode transmitir-se por meio do testemunho e a argumentação racional, porém nunca com a força.[281]

### *4.3.2- A paz é graça*

O diálogo como caminho para convivência em paz entre judeus e muçulmanos vai além da simples convivência mais deve-se estabelecer um diálogo para uma cultura de paz.[282] Assim é bom ver de múltiplas perspectivas: "*philosophia pacis*"[283]; "teológica ecumênica para paz"[284] e política[285]. O sentido mais profundo e ideal de paz como graça e compromisso que passa pelo processo de negociação envolvendo todos "grupos e níveis"[286] sociedade israelense e palestina com o apoio da comunidade internacional. Pois a "paz é um argumento feito por homens e mulheres de boa fé e tolerância alguns homens e mulheres difícil de convencer e outros conciliadores".[287]

A paz é como um dom que se recebe, não como um direito ou como um dever; não é resultado de nossa vontade, tampouco dádiva do poderoso ou de presente de outros. A paz pertence a árvore da realidade, ainda pode chegar a não amadurecer e florescer. A paz só pode ser uma harmonia da realidade quando nós participamos em situação de receptividade, ao Espírito, não pondo obstáculos a mesma realidade. A grande dificuldade para paz do mundo atual é que vivemos num mundo pré-fabricado onde se pensa em construir a paz. Então se pensamos em construir, já não podemos recebê-la como dom. Desse modo a paz não é só um problema político, moral ou exclusivamente religioso. Uma reflexão profunda sobre a paz passa pelo questionamento da cultura atual considerando as mudanças antropológicas. Portanto, a filosofia da paz como graça é constituida por: a participação na harmonia do ser; é difícil viver sem paz exterior e é impossível viver sem paz interior (não dualistas); a vitória jamais conduz a paz; o desarme militar requer o desarme cultural; nenhuma cultura, religião pode isoladamente resolver os problemas do mundo; a paz pertence essencialmente a ordem do "mitos"e não ao do "*logos*"; a religião é um caminho para paz; só o perdão, a reconciliação e o diálogo contínuo conduzem à paz e rompem a lei do "*karma*".[288]

"A paz é possível"[289] entre judeus muçulmanos na palestina a qual vai acontecendo no "entendimento e colaboração, concreta e construtiva"[290]. Em 2002 acadêmicos israelenses e palestinos se encontraram para debater o seu papel no

conflito.[291] Há judeus dentro e fora de Israel que apoiam os palestinos. Em Israel 62% da população é a favor da retirada das tropas israelenses dos territórios ocupados.[292] "A paz é juntamente uma radical e tradicional solução. A paz vai envolver a partilha, junto com respeito mútuo dos israelenses e palestinos para a vida de cada um e o seu estilo de vida."[293] Israel tem um grande potencial técnico e científico militar que desenvolveu para se defender de possíveis ataque de armas químicas e garantir sua segurança. Potencial este que esta entre os melhores do mundo. Caminhando para um acordo de paz poderia oferecer para os países vizinhos uma grande colaboração nas áreas de saúde, agriculturas, e indústria.[294]

No centro do conflito Israel-Palestina está a terra. Conflito local que sofre e influência a política internacional. Vários países na América e Europa apoiam financeiramente Israel e Palestina pare que cheguei a um acordo de Paz. Porém se constatou no governo palestino corrupção gerando assim insatisfação da população[295], que em parte se explica eleição do Hamas. Então no cenário atual Washington e seus aliados adotam uma fórmula simples para a região: Hamas deve reconhecer o direito de Israel a existir, renunciar a toda violência e conformar-se a todos os acordos internacionais. A posição palestina é: Israel debe retirar-se de todos os territórios ocupados segundo a Resolução 242 da ONU, abster-se de todo ataque militar contra palestinos e cumprir com todas as resoluções da ONU. Uma paz duradoura requer concessões mútuas, porém sobretudo da parte mais forte, e Israel é a principal potência militar no Oriente Médio.[296]

A causa da paz é uma questão de auto-determinação e segurança em forma de democracia, direitos humanos nas regras da lei, garantido a continuidade de dois etnias com suas histórias e culturas a comandar e negociar seus próprios destinos.[297] Pois, qualquer acordo de paz árabe-israel deve ser concluída em primeiro lugar entre eles e não haverá oportunidade alguma de alcançá-la se si negam a existencia de tais nações.[298] A causa da paz é uma questão de esperança para estes dois povos, lado a lado prosperando com respeito mútuo as forma de "governos próprias"[299] e uma estação duradoura de

“*shalon* e *salam*.”[300]

Portanto, a paz é graça que se recebe numa atitude de abertura e confiança e ao mesmo tempo capacita para participação sem oferecer-lhe obstáculos. A natureza da paz é a graça, por isso a paz é criação. A paz deve ser constantemente descoberta e criada já que não há programas pré-estabelecidos. De modo que a palavra paz, shalon-judeu e salam-árabe, expressam o sentido integral de paz. Hoje quando se fala em diálogo inter-religioso logo se associa com a paz e suas implicações práticas. Sem dúvida a paz é uma das bandeiras do micro e macro ecumenismo. Enfim creio que as palavras de Hans Küng dizem muito e sintetizam o que refleti:

> Não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões;
> não haverá paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões;
> não haverá diálogo entre estas sem o estudo de seus fundamentos.[301]

# CONCLUSÃO

Ao concluir esta tese tenho presente duas intuições: uma ideal e outra real, onde ambas se relacionam e complementam. Enquanto ideal, mas possível, o diálogo é um caminho de graça e paz para convivência real de judeus e muçulmanos na Palestina partindo das pequenas coisas. A segunda intuição, a real, é que no contexto atual vemos que há elementos religiosos e políticos que colaboram e dificultam a convivência.

Creio que o tema do diálogo em si em nenhum espaço chega a se esgotar. Será sempre necessário dialogar. Diálogo não só de palavras, mas sobretudo de relação que envolve o ser humano de forma integral. Toda a criação, com a qual o ser humano percebe por seus sentidos, implica numa forma de comunicação. Por meio do diálogo, Deus nos comunicou a graça, pois o diálogo é graça. Graça que aproxima e cria, graça

que liberta e gera vida. No mundo que é graça de Deus se faz necessário caminhar nesta mesma relação de graça que nos transmitiu Deus, para que haja vida.

As religiões procuram ser sinais visíveis deste caminho de graça e diálogo entre os seres humanos e Deus. No mundo não existe uma única religião e por isso o diálogo não deve ser só uma relação vertical. A relação dialogal se deve dar em várias dimensões: entre os seres humanos; entre os seres humanos e a criação; e na triple relação ser humano, criação e Deus. Agora que tipo de relação? Será qualquer relação? Deve ser a relação que nos propôs o próprio Deus na criação: gratuita, solidária, de amor incondicional e de graça inesgotável. Porém, a relação que o ser humano vem estabelecendo de dominação e exploração sobre a criação tem caminhado no sentido de tornar impossível as formas de vida sobre o planeta.

O cuidar da vida sobre o planeta é uma missão de todos e todas, mas as religiões têm em si neste cuidar a sua razão e sentido de existir. Portanto, se faz necessário estabelecer o diálogo inter-religioso como caminho de graça e testemunho ao mundo e no mundo. O diálogo inter-religioso é um imperativo para se manter e gerar vida digna para o ser humano numa relação harmoniosa com a criação.

Tendo nos limitado a refletir sobre o diálogo inter-religioso entre Judaísmo e Islamismo procurei apresentar três etapas de diálogo. Estas necessariamente não se dão em uma ordem pré-estabelecida, mas o que será determinante é que ambos se dêem conta de que é necessário dialogar para paz, para superação da pobreza, e para conservação da natureza. Questões estas que são mais urgentes. Muitas tentativas têm sido feitas a nível de acordos políticos. Todavia, os acordos políticos e os políticos não têm cumpridos com seus acordos, pois são acordos baseados em interesses próprios, poder e no medo. Se faz necessário estabelecer acordos fundamentados em princípios de justiça, liberdade, solidariedade e fraternidade entre os povos da promessa.

O diálogo, caminho de graça e paz, continua sendo um chamado para os judeus e muçulmanos. Há obstáculos, porém existe muito mais aspectos que favorece o diálogo. Procurei respeitar as questões que continuam em aberto quanto os direitos humanos e a eqüidade de gênero e tantos outros que do ponto de vista da liberdade e dignidade humana não são aceitáveis, mas que devem ser incluídos no processo do diálogo. O outro

aspecto que considero importante é que para o diálogo acontecer necessita de mediadores, espaços apropriados e uma teologia que favoreça. Condições estas já com várias iniciativas que envolve não só o judaísmo e islamismo, mais todas as religiões do mundo.

Enfim sabemos que não existe uma paz religiosa e uma paz política. Existe a paz como a solução tradicional e caminho para convivência entre judeus e muçulmanos. Porque primeiramente são eles que devem decidir, negociar como fazer, por onde ir e como continuar renovando-o continuamente. Segundo este caminho se faz com a recepção da paz como graça divina que capacita para oferecer-lhe aos outros e outras. Não será fácil, mais é necessário persistir como dizia o profeta poeta Hélder Câmara:

> Não, não pares. É graça divina começar bem. Graça maior, persistir na caminhada certa manter o ritmo.... Mas a graça das graças é não desistir. Podendo ou não podendo, chegar até o fim....[302]

Na introdução destes trabalhos iniciei o conto dos "Dois Sábios e o Gentil", agora concluo: *Antes de se dirigirem cada um a seu lugar de morada, os dois sábios se pediram perdão e concordaram em seguir dialogando.*

## bliografia

### Livros Sagrados

*Bíblia Tradução Ecumênica,* 3a. Edição 1989. Traduction Oecuménique de la Bible. Paris: Éditions du Cert; Pierrefite: Société Biblique Française. São Paulo: Loyola, 1994.

*El Corán.* Tradução JuanVernet. Barcelona: Optma, 2000.

### Dicionários

Ancilli, Ernando. *Diccionario de espiritualidade*. Tomo II. "Islamismo".

Traduzido do italiano por Juan Llopis. Barcelona: Herder, 1983,  359-362.

Maier, Johann y Peter Schäfer. *Diccionario del judaísmo*. Traduzido do alemão por Dionisio Mínguez Fernández. Estella: Verbo Divino, 1996.

*Diccionário Teológico Enciclopédico*. “Abrahán”. Traduzido e adaptado do italiano por Alfonso Ortiz García. Estella: Verbo Divino, 1999, 17.

*Dicionário brasileiro: espanhol-português, português-espanhol*. São Paulo: Oficina de Textos, 1996. Vários colaboradores.

Poupard, Paul. *Diccionario de las religiones*, “Islamismo”. Traduzido do francês por José M. Moreno, Helena Gimeno, Montserrat Molina, Matilde

Moreno, Mar Carillo, Gloria Mora e Alberto García. Barcelona: Herder, 1987,  349-350.

Rzepkowski,   Horst. *Diccionario de Missiología: historia, teología y etnoligía.* “Islamismo”.Traduzido e adaptado do alemão por Víctor Abelardo Martínez de Lapera Montoya. Estella: Verbo Divino, 1997, 296-298.

**Livros**

Abraham, S. Daniel.  Bill Clinton. *Peace is possible: Conversations with Arab and Israeli leaders from 1988 to the present (Hardcover).* Ontario, Canada: Newmarket Press, 2006.

Alencar, Chico (Org.). *Direitos mais humanos*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

Arkoun, Mohamed. *El pensamiento árabe*. Traduzido do francês por José Gonzalo Castaño e Cubierta  Julio Vivas. Barcelona: Paidós, 1992.

Armstrong, Karen. *Una historia de Dios: 4000 años de búsqueda en el judaísmo, el cristianismo y el Islam*. Traduzido do inglês por Ramón Alfonso Díez Aragón e Cuberto de Víctor Viano. Barcelona: Paidós, 1995.

_____. *El islam.* Traduzido do inglês por Francisco J. Ramos. Barcelona: Mondadori, 2002.

Basset, Jean-Claude.  *El diálogo interreligioso*. Traduzido do francês por Miguel Montes. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999.

Batista, Israel (ed.). *Gracia, cruz y esperanza en America Latina*.  Quito, Equador: CLAI,  2004.

Barrera, Julio Trebolle. *La Bíblia judía la Bíblia cristiana. Introducción a la*

*história de la Bíblia*. Madrid: Trotta, 1998.

Bowker, John. *Religiones del mundo*. Traduzido do inglês por Víctor Magno Boye. Buenos Aires: El Ateneo, 2000.

Bifet, Juan Esquerda. *El cristianismo y las religiones de los pueblos*. Madrid: BAC, 1997.

Bose, Nirmal Kumar. *Mohandas Gandhi: escritos esenciales*. Traduzido do inglês por Maria del Carmen Blanco Moreno y Ramón Díez Aragón. Santander: Sal Terrae, 2004.

Buber, Martin. *Eu e Tu.* Traduzido do alemão por Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centaruro, 2001.

Blázquez-Ruiz, F. Javier (Diretor). *10 palabras clave sobre racismo y xenofobia.* Traduziu do francês Alfonso Ortiz García. Estella: Verbo Divino,1996.

Câmara, Hélder. *O deserto é fértil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB ) documento de estudos 52. *Guia para o diálogo inter-religioso: relações com as grandes religiões, movimentos religiosos contemporâneos, filosofia de de vida.* São Paulo: Paulinas, 1987.

Croatto, José Severino. *Experiencia de lo sagrado: estudo de fenomenologia de la religión.* Estella: Verbo Divino, 2002.

Cid, Carlos y Manuel Rui. *Historia de las religiones.* Barcelona: Optima, 2000.

Dershowitz, Alan *The case for peace: how the Arab-Israeli conflict can be resolved.* Hoboken, New Jersey: Published by John Wuley & Sons, Inc., 2005.

Fernández, Emilio Mitre. *A difícil convivência de la España medieval*. México: Iberoamericana, 1990.

Florestán, Casiano y Juan José Tamayo. *Conceptos fundamentales del cristianismo*. Madrid: Trotta, 1993.

González-Faus, José Ignacio *Poyecto de hermano*, Santander: Sal Terrae, 1987.

Häring, Bernhard e Valentino Salvoldi. *Tolerância: por uma ética da solidariedade e da paz.* Traduzido do italiano por João Paixão Neto. São Paulo: Paulinas, 1995.

Heschel, Abraham Joshua. *Deus em busca do homem.* Traduzido do inglês por Alberico F. De Souza. São Paulo: Paulinas, 1975.

Hernando, Julian G. *Pluralismo religioso en España. II sectas y religiones no cristianas.* Salamanca: Sociedad de Educación Atenas, 1983.

Jomier, Jacques. *Para conocer el islam*. Traduzido do francês por Alfonso Ortiz García. Estella: Verbo Divino, 2000.

Juergensmeyer, Mark. *Terrorismo religioso: el auge de la violencia religiosa*. Traduzido do inglês por Mônica Rubio Fernández. Madrid: Siglo Vientiuno, 2001.

Knitter, Paul F. *One aerth many religons: multifaith and global responsability*. New York: Orbis Books Maryknool, 1985.

Küng, Hans. *El judaísmo: pasado, presente e futuro*. Traduzido do alemão por Vítor Abelardo Martínez de Lapera e Gilberto Canal Marcos. Madrid: Trotta, 1998.

_____. *?Existe Dios? Respuestas al problema de Dios en nuestro tiempo*. Traduzido do alemão por José Maria Bravo Navalpotro. Madrid: Cristantadad, 1979.

_____.(Colaboradores) Josef van Ess, Heinrich von Stietenctcron e Heinz Bchert. *El cristianismo y las religiones: hacia el diálogo com el islam, el hinduismo y el budismo*. Traduzido do alemão por J. M. Bravo Navalpotro e R. Godoy. Madrid: Libros Europa, 1987.

_____. *Proyecto de una ética mundial*. Traduzido do alemão por Gilberto Canal Marcos. Madrid: Trotta, 1992.

Kuschel, Karl-Josef *Discordia en la casa de Abrahán: lo que separa y lo que une judíos, cristianos y musulmanes.* Estella: Verbo Divino, 1996.

Libânio, João Batista. *Dios y los hombres: sus caminos*. Traduzido do português por Alfonso Ortiz García. Estella: Verbo Divino, 1992.

Marín Guzmán, Roberto. *El fundamentalismo islámico en el Medio Oriente contemporáneo: uma análisis de casos*. San José: Universidade de Costa Rica (UCR), 2001.

_____. *La ocupación militar israelí de Cisjordania y Gaza.* San José: UCR, 2003.

May, Roy H. *Ética y medio ambiente: Hacia de una vida sostenible*. San José: Departamento Ecuménico de Investigación (DEI), 2002.

Mesters, Carlos. *Paraíso Terrestre: saudade ou esperança?* Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

Morey, Robert. *The Islamc invasion*. Eugene (Orengan-USA): Harvest House Publishers, 1992.

Mccurry, Don. *Esperanza para los musulmanes*. Traduzido do inglês por Samuel Guerrero. Miami: Unilit, 1996.

*O Deus de Jesus Cristo*, Curso de teologia Vol. 2. Traduzido do italiano e adaptado por Olivo Cesca. São Paulo: Cidade Nova, 1984.

Oro, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo.* São Paulo: Paulus, 1996.

Panikkar, Raimon. *Paz y desarme cultural*, Santander: Sal Terrae, 1993.

Panizo, Pedro Rodrígues y Xavier Q. Lléo (ed.). *Cristianismo e religiones*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2002.

Pikaza, Xabier Ibarrondo. *Antropologia Bíblica: Del árbol del juicio al sepulcro de pascua.* Salamanca: Sígueme, 1993.

_____. *Monoteísmo y globalización: Moisés, Jesús, Mahoma*. Estella: Verbo Divino, 2002.

_____. *Dios judío, dios cristiano: el dios de la bíblia.* Estella: Verbo Divino, 1996.

_____. *La mujer en las grandes religiones*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991.

_____. *Hombre y mujer en las religiones.* Estella: Verbo Divino,1996.
_____. *Dios como espiritu y persona: razón humana y mistério trinitário.* Salamanca: Secretariado Trinitário, 1989.

Pierres, Aloysius. *Liberación, inculturación, diálogo de religiones.* Traduzido do inglês por Jesús Valiente Malla. Estella: Verbo Divino, 2001.

Pixley, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres.* Traduzido para português por Ramiro Mincato. Petrópolis: Vozes, 1991.

Diálogo Inter-Religioso Mundial sobre el Desarollo. *Pobreza y desarrollo: uma perspectiva inter-religiosa.* Traduzido do inglês por Héctor Castañeda e Dennis A. Smith. Centro Evangélico de Estudios Pastorales en América Central (CEDEPCA), 2000.

Pontificia Comisión Bíblica. *El pueblo judío y sus escrituras en la Bíblia cristiana.* Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002.

Ruiz de la Peña, Juan Luiz. *O dom de Deus: antropologia teológica.* Traduzido do espanhol por Nancy de C. Faria. Petrópolis: Vozes, 1997.

______. *Teologia da criação.* Traduzido por José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 1989.

Rolf, Reichert. *Historia de Palestina*. Traduzido do português por Alejandro Estebar Lator Ros. Barcelona: Herder, 1973.

Safa, Reza F. *Dentro del Islam.* Traduzido do inglês por Andrés Carrodeguas. Lake Mary (Florida): Casa Crianción, 2001.

Santos, Bento Silva. *"A experiência de Deus no Antigo Testamento"*. Aparecida-São Paulo: Santuário, 1996.

Samuel, Albert. *Para compreender las religiones en nuestro tiempo*. Traduzido do francês por Alfonso Ortiz García. Estella: Verbo Divino, 2000.

Schoenman, Ralph. *The Hidden History of Zionism.* Santa Barbara (California): Veritas Press, 1988.

Stubenrauch, Bertran. *Dogma dialógico: el diálogo interreligioso como tarea cristiana.* Bilbao: Descleé de Brouwer, 2001.

Smart, Ninian. *Atlas mundial de las religiones*. "Judaísmo". Traduzido do inglês por Nuria C. Arraz. Colônia-Alemanha: Könemann, 2000, 122-123.

Tamayo, Juan José. *Fundamentalismo y diálogo entre religiones.* Madrid: Trotta, 2004.

Torres Queiruga, Andrés. *A revelação de Deus na realização humana*. Traduzido do espanhol por Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1995.

Wurmbrandt, Max y Cecil Roth. *El pueblo judío: 4000 mil años de historia.* Tel-Aviv: Aurora, 1987.

## Artigos de livros e revistas

Araya-Guillén, Victorio. "El Dios de toda gracia", San José: *Vida e Pensamiento* 25,1 (2005): 99-114.

Arana, Maria José (Diretora). "El diálogo religioso en un mundo plural". Em

Maria José Arana. *Dialogar, uma tarea irrenunciable: cristianismo, judaísmo y islamismo* . Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001, 03-23.

Arkroun, Mohammed "?Es el Cristianismo una amenaza para el Islam?" *Concilium* 253 (1994): 69-81.

Beto, Frei "Educação em direitos humanos", em Chico Alencar (Org.). *Direitos mais humanos*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

Böwering, Gerhard. "El reto del islam", *Concilium* 253 (1994): 165-182.

Blázquez-Ruiz, F. Javier. "Genealogía, dinámica y propuesta ética frente al racismo y xenofobia", em F. Javier Blázquez-Ruiz (Diretor). *10 palabras clave sobre racismo y xenofobia*. Traduzido do francês por Alfonso Ortiz García. Estella: Verbo Divino, 1996, 17-53.

Carbonell, Lúcia Ramon. "El hesed de Dios en el Antiguo testamento", *Reseña Bíblica.* Associación Bíblica Española: Verbo divino. 53-62.

Cornell, Vincent J.. "Tawhid: la proclamación del uno en el Islam", *Concilium* 253 (1994): 87-94.

Curullón Fernádez , Manuel. "Dios en el islam". Condesado por Joaquim Pons. *Seleciones Teológicas* 162 (2002): 105-111.

Dreston, Albert. "A revelação de Deus no Antigo Testamento: vista sintética", em *O Deus de Jesus Cristo*, Curso de teologia Vol. 2. Traduzido do italiano e adaptado por Olivo Cesca. São Paulo: Cidade Nova, 1984, 37-68.

Duch, Lluis, John K. Locke y Ricardo Franco, "El alud fundamentalista". Traduzido e condesado por Elisa Garcia, *Selecciones Teológicas* 124 (1992): 317-338.

Esposito, John L.. "La Amenaza islamica: ? Mito o realidade", *Concilium* 253 (1994): 57-68.

Ess, Josef van y H. Küng "Islam y cristianismo", em Hans Küng (Colaboradores), *El cristianismo y las religiones: hacia el diálogo com el islam, el hinduismo y el budismo*. Traduzido do alemão por J. M. Bravo Navalpotro e R. Godoy. Madrid: Libros Europa, 1987, 21-170.

Galindo, Emilio. "El islam" em Julian G. Hernando. *Pluralismo religioso en España. II sectas y religiones no cristianas.* Salamanca: Sociedad de Educación Atenas, 1983, 459-557.

Garaudy, Roger. "Los derechos del hombre y el islam: fundamentación, tradición y violación", *Concilium* 228 (1990): 221-237.

González, J. Ignácio Faus. "Diálogo interreligioso y diapraxis", *Revista Latinoamericana de Teología,* Año XIX (2002): 282-290.

Granados, Juan Manuel. "Guerra santa en el testamento y el Corán", *Theologia Xaveriana* (Bogotá) 141 ( 2002): 15-29.

Hassan, Rifa. "Las mujeres en el islam y en el cristianismo", *Concilium* 253 (1994): 39-44.

Hasselmann, Christel. "La declaración sobre uma ética mundial", *Concilium* 292 (2001): 31-44.

Marín Guzmán, Roberto. "Razón y revelación en el Islam", *Revista de Filosofia* (San José-UCR) 55/56 (1993): 133-150.

Mihalovici, Ionel y Estela Toledano, "Los judíos en la España de hoy" em Julian G. Hernando, *Pluralismo religioso en España. II sectas y religiones no cristianas.* Salamanca: Sociedad de Educación Atenas, 1983, 461-486.

Moltmann, Jürgen. "No hay dos monoteísmos iguales", *Selecciones Teológicas* 169 (2004): 54-62.

Páez, Darío y José Luis González. "Prejuicio: concepto y nociones diversas", em Blázquez-Ruiz (Diretor). *10 palabras clave sobre racismo y xenofobia.* Traduzido do francês por Alfonso Ortiz García. Estella: Verbo Divino, 1996, 319-372.

Pérez, Esther. "Notas sobre tolerancia y cultura", *Caminos (Habana)* 3 (1996): 4-9.

Rossé, Gérard. "A revelação de Deus no Antigo Testamento: o período pós-exílico", em *O Deus de Jesus Cristo,* Vol. 2. Traduzido do italiano e adaptado por Olivo Cesca. São Paulo: Cidade Nova, 1984, 69-87.

Ruiz de la Peña, Juan Luiz. "Creación, gracia y salvación" em Casiano Florestán y Juan José Tamayo. *Conceptos fundamentales del cristianismo*. Madrid: Trotta, 1993, 541-552.

Salas, Mary. "?Con qué islam dialogamos?" Em Arana (Diretora). *El diálogo religioso en un mundo plural*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001, 03-24.

Stubenrauch, Bertran. *Dogma dialógico: el diálogo interreligioso como tarea cristiana*, Bilbao: Descleé de Brouwer, 2001.

Stam, Juan. "La sobreabundancia de la multiforme gracia de Dios: dimensiones

bíblicas de la gratuidad divina” em Israel Batista (ed). *Gracia, cruz y esperanza em América Latina*. Quito (Equador): CLAI, 2004, 25-40.

Tamez, Elsa. “Sobre las experiencias en los seres humanos: graça de Deus y dignidad humana”. Em Israel Batista (ed). *Gracia, cruz y esperanza en America Latina*. Quito (Equador): CLAI, 2004, 241-251.

Tamayo, J. José. “Fundamentalismo y diálogo interreligioso”, *Caminos* (Habana) 31-32 (2004): 65-92.

______. “Las religiones, en tiempo de globalización”, *Vida y Pensamento* (San José) 22,2 (2002): 55-91.

**Material Inédito**

Lima da Silva, Silvia Regina. Seminário Integrado I: “Gracia de Dios en el contexto Latinoamericano y Caribeño”. San José: UBL, 07 de junho de 2005. Anotações.

Pikaza, Xabier. *Diálogo Interreligioso: camino de paz. Memórias da Cátedra Juan A. Mackay, 26 de maio de 2005. San José, Costa Rica*: Universidade Bíblica Latinoamericana (UBL).

_____. *Hombre y mujer en la religión y la cultura. Memórias da Cátedra Juan A. Mackay, 24 de Maio de 2005, San José, Costa Rica*: UBL.

Gomes, Patricio. “Análisis critico del conflicto israelí-árabe”. *Tesis.* San José: UBL, 2003.

Tamayo, Juan José. Fundamentalismo. São José, Costa Rica: UBL, 27 de junho de 2005. Anotações.

**Documentos de Internet**

Adim, Sharif Abdul. La mujer en el islam y en el judeocristianismo: mito y realidad. Fonte: http://www.webislam.com/default.asp?idt=3542#. Acesso em 06 de janeiro de 2006.

Álvares, Luís L. “Neturei Karta Los judíos que luchan contra Israel Su nombre en arameo significa Los Guardianes de la Ciudad”. Fonte: http://www.webislam.com/?idt=2213. Acesso em 23de dezembro de 2005.

Armstrong, Karen. Integrar el fudamentalismo al dialogo interreligioso. Fonte: http:www.barcelona2004.org/esp/banco_del_conocimiento/dialogos /ficha.cfm?IdEvento=172. Acesso em 10 de outubro de 2005.

Caballeros, Harold Segura. Anunciar o Evangelho é a razão de ser da Igreja .

Fonte: www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=3522. Acesso em 26 de março de 2004.

Hamidullah, Muhammad. El nacimiento de Muhammad. Fonte: www.webislam.com/?idt=470#. Acesso em 10 de outubro de 2005.

Hussain, Iftekhar Bano. El Profeta Adam. Fonte: http://www.webislam.com/default.asp?idt=2054#. Acesso em 06 de janeiro de 2006.

Yerrahi, Muzaffer Ozak al. La creación del mundo, de Adán y de la Luz de Muhámmad. Fonte: http://www.webislam.com/default.asp?idt=272. Acesso em 06 de janeiro de 2006.

Ihsannoglu, Ekmeleddin. Occidente 'demoniza' al islam. Fonte: www.webislam.com/?idn=2342#. Acesso em 10 de outubro de 2005.

Kuftaro, Ahmed. Las religiones Abrahámicas raíces y responsabilidades compartidas.
Fonte: www.kuftaro.org/spanish/wot/the_abrahamic_religions.htm. Acesso em 23 de dezembro 2006.

______. El Corán extiende su ayuda a toda la humanidad, especialmente a la Gente del Libro. Fonte: http://www.kuftaro.org/spanish/wot/the_abrahamic_religions.htm. Acesso em 19 de janeiro de 2006.

Küng, Hans. "Llegó la hora de un diálogo serio entre musulmanes y Occidente". Fonte: http://www.webislam.com/?idn=4834#. Acesso em 12 de março de 2006.

Lahori, Ahmed. Una respuesta a José Manuel Martín Portales http://www.webislam.com/numeros/2002/180/temas/respuesta_portales.htm. Acesso em 19 de fevereiro de 2006.

Monturiol, Yaratullah. *Ibrahim - 'alaihi salam*. Fonte: http://www.webislam.com/default.asp?idt=339#. Acesso em 23 de 12 de 2006.

Nurbakhsh, Javad. Dios para el Sufí. Fonte: http://www.webislam.com/default.asp?idt=892#. Acesso em 27 de março de 2006.

Parra, Alberto. Meditação teológica sobre a América pobre. Fonte: http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=2413. Acesso em 26 de março de 2004.

Paulo II, João. “A paz é um valor sem fronteiras, norte-sul, leste-oeste: uma só paz.” Fonte: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19851208_xix-world-day-for-peace_po.html Acesso em 20 de agosto de 2004.

______. Mensagem de Paz: Oferece o perdão, recebe a paz. Fonte : http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121996_xxx-world-day-for-peace_po.html. Acesso em 28 de março de 2006.

______. Mensagem de Paz: Da justiça de cada um nasce a paz para todos. Fonte: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121997_xxxi-world-day-for-peace_po.html. Acesso em 28 de março de 2006.

Saif al' hm, Abd-al-Haqq. Muhammad, el Mensajero de Allah: su naturaleza esencial y su carácter. Fonte: http://www.webislam.com/?idt=818#. Acesso 10 de outubro de 2005.

Scuon, Frithjof. El Corán y la Sunna 1. Fonte: www.webislam.com/?idt=1068#. Acesso 10 de outubro de 2005.

Suzuki, Shin Oliva. Apatia e indiferença ameaçam a identidade judaica, diz professor. Fonte: www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u87184.shtml. Acesso em 15de março de 2006.

Torralba, Silvia. “Intelectualis israelíes e palestinos, juntos para romper el muro”: Fonte: http://www.webislam.com/?idn=2303#. Acesso 10/10/2005.

_____. El Corán y la Sunna 2. Fonte: www.webislam.com/?idt=1075#. Acesso 10 de outubro de 2005.

Al-halveti, Tosun Bayrak al-Jerrahi. Los más bellos nombres de Allah(4): Al-Malikel Soberano. Fonte:http://www.webislam.com/?idt=732. Acesso em 23 de dezembro de 2005.